

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

FLORIANÓPOLIS, ABRIL DE 2010 - CURSO DE JORNALISMO ANO XXVIII, NÚMERO 1

Professores estão com medo

Foto e montagem: Felipe Machado

Especial



páginas 8 e 9

Educação

Lei proíbe dupla matrícula em universidades públicas

Com o projeto, mais de 30 mil vagas devem ser criadas a cada ano. Antes, aproximadamente 80% dos estudantes que cursavam duas faculdades ao mesmo tempo abandonavam uma delas.

página 7

Esporte

Superatletas: o que eles têm que você tem também

O desempenho alcançado por esportistas de elite não depende só da genética e pode ser conquistado por qualquer pessoa disposta a se submeter a um bom preparo físico e psicológico.

página 15

Debates

Especialistas em política analisam declarações de Lula

Professor de Ciência Política e presidente do IELA, estreiam a nova seção do Zero analisando as declarações do presidente Lula sobre os protestos dos dissidentes políticos contra o governo cubano.

página 4

Economia

Modelo de agricultura familiar no estado garante produção

De onde vêm os alimentos que comemos todos os dias? Lavouras diversificadas são consequência de condições próprias de SC. Mas também dependem de políticas públicas para manter o homem no campo.

páginas 10 e 11



O UNIVERSITÁRIO
e as esculturas

Felipe Machado



- Inspirado na obra de Franklin Cascaes e com um nome que bem poderia ser de uma música de Caetano Veloso, o Boitatá Incandescente foi a grande atração desse começo de semestre na UFSC. Com seus 15 metros de altura e 1897 quilos, a escultura construída com material reaproveitado da Ponte Hercílio Luz não teria mesmo como passar despercebida — o que não seria motivo para descuidar da publicidade.

- Notas distribuídas à imprensa, autoridades presentes, discursos prontos. A reitoria não havia planejado nada de diferente para a inauguração da escultura, colocada às margens do lago que separa o Centro de Cultura e Eventos e o Centro de Convivência da UFSC. Eis então que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) entra em cena com o que estava faltando. Armados de pranchas de surfe, boias e máscaras de mergulho, os estudantes invadem — ou melhor, ocupam — a água.

- A manifestação era contra o dinheiro gasto na revitalização do lago. Nada contra o Boitatá, muito pelo contrário. O DCE só acha que existem coisas mais importantes do que uma obra paisagística. Salas de aula, por exemplo. Mas o protesto lança luz sobre a já incandescente figura do Boitatá e faz brotar no peito dos insatisfeitos dúvidas sobre o futuro de uma escultura na UFSC.

- Coberto de rachaduras, O Guardião permanece sentado em sua gasta arca do saber. Escondida no pequeno bosque ao lado da Biblioteca Universitária, a obra de Elke Hering é vista de costas pelos alunos que frequentam a sala de estudo individual. Mas esses não parecem ser os seus verdadeiros admiradores.

- Bitucas de cigarro, um maço vazio, fatias chupadas de limão, sachês de sal usados. Um saco de gelo, sacolas de três supermercados diferentes, latas de cerveja e uma pacote vazio de Lovetex. Ainda próximas ao círculo de concreto que sustenta a escultura, as embalagens de um picolé de limão e de um salgadinho de bacon. Pouco visitado durante o dia, O Guardião parece ter uma vida noturna agitada.

EDITORIAL

Proximidade e confiança

Passava um pouco das 6h quando a diretora da Escola Estadual de Educação Básica Leopoldo Meinen ouviu um barulho estranho em frente à sua casa, na pequena cidade de Fortaleza dos Valos, planalto médio gaúcho. Jurema Catarina Bastos Fontana acordou o marido e foi ver o que estava acontecendo. Lá fora, pais, alunos e professores faziam uma serenata em homenagem ao Dia do Diretor.

O episódio aconteceu em 12 de novembro de 2006, quase três anos depois de Jurema ter assumido a direção da escola. Lá, eles nunca tiveram problemas com violência, mas ela sentia falta de uma relação mais próxima com a comunidade. Jurema passou então a convidar os pais a participarem das atividades do colégio. Nem todos se animaram, é claro, mas a diretora insistiu. "Nós organizamos jantares, fizemos camisetas. Aos poucos, os outros pais começaram a aparecer", lembra. E não só para jantar. Aos sábados, Jurema organizava mutirões de pais para realizar pequenas obras no colégio.

Com os estudantes, a relação é baseada na confiança. "Esses tempos quiseram proibir o uso de celulares na escola. Eu não deixei. Chamei os alunos e disse que eles poderiam trazer

os aparelhos, mas que teriam que se comprometer a mantê-los desligados durante as aulas. Funcionou", conta. Quando se afastou da direção, no fim de 2009, Jurema voltou a ser homenageada pela comunidade.

A história de Jurema é uma exceção em meio a tantas notícias de violência contra professores. Reportagem do jornal *O Dia* revelou que, no Rio de Janeiro, a diretora da Escola Municipal General Humberto de Souza Mello foi agredida e ameaçada de morte por alunos do Ensino Fundamental. Professores afirmam que ela foi alvo de socos e pontapés ao tentar separar uma briga. Com medo, a diretora disse à polícia que as agressões foram apenas verbais.

Nesta edição uma reportagem especial tenta entender as razões dessa violência. As explicações são muitas, e a maioria das causas apontadas está longe do alcance da escola. Reflexo da violência na sociedade e da desestruturação das famílias, uma legislação que deixa os professores sem ação. Falta estrutura, os salários são baixos. Por fim, o grande número de alunos atendidos por cada professor impede que se crie uma relação mais próxima entre eles — como aquela conquistada em Fortaleza dos Valos.

CHARGE



Sobre a chargista

Maria Luiza Gil tem 20 anos e é estudante de Jornalismo da UFSC. Atualmente estagia como fotógrafa da Agência de Comunicação da UFSC. Para entrar em contato com a autora, escreva para o e-mail marialuizagil@yahoo.com.br

Para os chargistas

Se você é daqueles que quando lê uma notícia logo a imagina numa charge, desenhe para o **ZERO** e envie para zero@cce.ufsc.br. Sua charge pode ser publicada nesse espaço e fazer parte das próximas edições do jornal.

ZERO NO TEMPO

ZERO

Nº 1 - ANO 11 - FLORIANÓPOLIS - 14 DE MAIO DE 1994 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

Administração de Rivaldo foi alertada quatro vezes sobre seu plano



Hospital de Curitiba foi alertado quatro vezes sobre seu plano

Diretora do HUSC, zurema no governo sobe no marfim

1990 homenagem DCE pela campanha contra a fome

A exumação de Floriano

Centenário do nome Florianópolis provoca um caso riválmata: o responsável pelo massacre do Anhatimirim merece essa homenagem?

O velho telefone fixo anda tão obsoleto quanto o verbo discar. Por isso mesmo a reportagem do **ZERO** sobre o Disque-amizade, publicada em maio de 1994, exala mais do que um compreensível cheiro de naftalina. Para a maioria dos universitários, a ideia de aproveitar uma distração dos pais para pegar o telefone escondido e discar 145 não faz nenhum sentido. Agora, se alguém viesse falar de um serviço que junta, aleatoriamente, cinco desconhecidos em uma mesma sala de bate-papo, não haveria nenhuma surpresa. Jam achar que era um novo tipo de *chat*.

Logo no título, a matéria avisa que "roda de amigos, piadas e palavras povoam 145". Ao lado, uma correlata define o serviço de bate-papo como "o paraíso dos *voyeurs*". Tudo muito familiar ao que seria dito alguns anos depois sobre a internet. O Disque-amizade, que começou a ser oferecido em Florianópolis em 1990, funcionava 24 horas por dia, custava duas vezes mais que uma ligação normal e agrupava até cinco linhas. Em uma central, quatro monitoras direcionavam e acompanhavam as ligações. Quem ligava só para contar piada, falar palavrão e perturbar os outros era advertido.

Nesta edição, o **ZERO** traz uma reportagem sobre o Chatroulette. Assim como no 145, os encontros no site criado por Andrey Ternovskiy são completamente aleatórios. Existem algumas diferenças, é claro. No ChatRoulette são agrupadas apenas duas pessoas por vez, que, além de conversarem, podem se ver por meio das *webcams*. O alcance também é um pouquinho maior. Enquanto o 145 oferecia 24 grupos de até cinco pessoas, o novo *chat* já tem mais de dez mil usuários cadastrados em todo mundo.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXVIII - Nº 1 - Abril de 2010
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Fechamento: 7 de abril

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade
Florianópolis - CEP 88040-900
Tel.: (48) 3721-6599/ 3721-9490
Site: www.zero.ufsc.br
E-mail: zero@cce.ufsc.br

REDAÇÃO Cinthia Raasch, Dael Limaco, Fernanda Burigo, Francisco Dantas, Larissa Cabral, Leonardo Gorges, Luiza Fregapani Silva, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Marina Martini Lopes, Rafael Balbinotti, Rayani Mariano dos Santos, Yasmine Holanda Fiorini **EDIÇÃO Capa** Felipe Machado **Opinião** Daniel Ludwig **Entrevista** Gabriela Cabral **Debate** Marcone Tavella **Geral** Daniela Ferreira, Felipe Machado **Saúde** Natalia Izidoro **Educação** Alessandra Lopes Flores **Especial** Anna Barbara Medeiros **Economia** Fábio Queiroz, Rafael Hertel, Thomas Michel **Comportamento** Ana Clara Montez **Esporte** Bruno Volpato **Contracapa** Verônica Lemus **Imagem** Felipe Machado **FOTOGRAFIA** Felipe Machado, Larissa Cabral, Maria Luiza Gil, Rafael Balbinotti, Rayani Mariano dos Santos **EDITORAÇÃO** Cinthia Raasch, Cláudia Mussi, Daniel Ludwig, Felipe Machado, Fernanda Burigo, Jacqueline de Carvalho Moreno, Joice Balboa, Marcone Tavella, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Marina Martini Lopes, Natalia Izidoro, Nathale Ethel Fragnani, Nathalia Vieira Carlesso **INFOGRAFIA** Joice Balboa, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Nathale Ethel Fragnani, Rafael Balbinotti **PROFESSOR-COORDENADOR** Jorge Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543 **COORDENAÇÃO GRÁFICA** Sandro Lauri Galarça MTb/RS 8357 **MONITORIA** Gabriela Cabral, Juliana Passos **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)
Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca Sindicato dos Jornalistas de SC 2000
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

No início de março, Florianópolis sediou o 1º Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina. No evento foram debatidos temas relevantes para o futuro da profissão, como a criação de um plano de carreira para médicos e a melhoria da qualidade dos cursos universitários. O plano, que está para ser aprovado pela Câmara dos Deputados, garante progressão na carreira e melhores salários. O **ZERO** entrevistou José Francisco Bernardes, presidente do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina (Cremesc), que discute as mudanças na profissão e a situação médica no estado.

José Francisco Bernardes

ZERO: Quais fatores determinaram a elaboração de um projeto de lei que prevê o plano de carreira na Medicina?

A necessidade de que o médico atue em um único local, o que antigamente era chamado tempo integral geográfico. Isso faz com que o profissional tenha função pública e local de trabalho estabelecido, salário compatível com a dedicação exclusiva a um único vínculo público. Acrescente-se a isto a dificuldade de manter o médico nos municípios mais longínquos. A maior queixa dos jovens médicos não é a remuneração, e sim o "abandono científico" a que ficam sujeitos, a falta de perspectiva de um dia poderem se mudar para um local com melhores recursos tecnológicos.

A Federação Nacional dos Médicos (Fenam) tenta há anos que o plano de carreira seja aprovado na Câmara dos Deputados. Por que até hoje não foi aceito?

O que a Fenam sempre defendeu, e continua a defender é a existência de um piso salarial único para médicos, hoje em torno dos R\$ 7.000,00. Presentemente, a Federação tem dado mostras que encampou a ideia da Carreira de Estado para médicos juntamente com as outras entidades médicas nacionais, como o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Médica Brasileira (AMB).

Como ficará na prática se o projeto de lei for aprovado?

A partir da aprovação, haverá a necessidade da edição de uma lei pelo Congresso Nacional que regulamentar o novo dispositivo constitucional. Certamente concursos públicos serão realizados determinando os locais de trabalho, funções específicas e salário único para desempenhar as mesmas atividades em qualquer dos municípios brasileiros. Isso fará com que o médico esteja à disposição da população pelo intervalo de tempo que a lei determinar, quando então será substituído e progredirá na carreira, sendo transferido para um centro maior, com mais recursos.

Você acredita que o plano de carreira de algum modo possa melhorar o atendimento público?

Sim, o médico é um ser humano como qualquer pessoa, que estimulado por remuneração digna - sem a necessidade de ter outras atividades profissionais paralelas - e perspectiva futura de ascender na carreira, certamente terá mais tempo e tranquilidade para prestar um atendimento de melhor qualidade.

Estima-se que 500 cidades não tenham um médico sequer. O plano de carreira ajudaria a distribuir melhor os médicos pelo país? Qual a situação catarinense?

A carreira de estado para médicos ajudaria sim a distribuição dos profissionais pelo Brasil. Santa Catarina é um dos estados mais homogêneos do país. Em praticamente todos os municípios existem médicos com especialização, ou seja, residência médica. As cidades que não dispõem de médico, geralmente é por falta absoluta de estrutura, pois se houver uma verificação *in loco*, essas cidades também não comportam um supermercado, pela pequena população ou pela pobreza que lá existe.

Quais os principais problemas que o profissional de medicina enfrenta no país e como o plano de carreira pode melhorar este quadro?

O que vejo como principal é a falta de estrutura dos gestores públicos para proporcionar o atendimento médico nos municípios mais longínquos e menos favorecidos. Como dito, a remuneração de forma geral é

até atraente, mas a infraestrutura existente geralmente é ruim, e a falta de perspectiva do crescimento profissional é desestimulante. Nada se resolve se colocarmos postos de saúde em cada esquina. Muitas vezes, há a necessidade da internação do paciente que acabou de ser atendido, não havendo nenhuma estrutura hospitalar que garanta a continuidade do tratamento após o atendimento prestado no posto de saúde. O paciente é atendido em postos próximos a sua residência e depois não há mais o que fazer por ele. Não há vagas garantidas para a internação de quem necessita. Faltam leitos hospitalares, mesmo nos hospitais ditos de referência e inclusive em Florianópolis.

O Secretário de Saúde Suplementar da Fenam, Márcio Bichara, acredita que a carreira acabaria com contratações precárias em época eleitoral. Você concorda?

Não há dúvida quanto a isso. Em São José, o Hospital Regional não consegue completar o número de médicos necessários para o seu perfeito funcionamento, porque só oferece contratos de vinte horas, com salário irrisório. Há anos faz concursos e não consegue preencher as vagas. Haja vista o problema recente com a falta de anestesistas. Se já houvesse um plano de cargos e salários, isso certamente não ocorreria. As contratações precárias geralmente realizadas por prefeituras, principalmente em anos eleitorais, com empresas terceirizadas e ou mesmo cooperativas de médicos, não garante que a população continue a ser assistida se esses contratos não forem honrados ou renovados pelas partes contratantes.

“Santa Catarina é um dos estados mais homogêneos do país na distribuição de médicos. Em praticamente todos os municípios há profissionais com especialização”

Uma das questões debatidas no 1º Encontro Nacional dos Conselhos de Medicina foi a qualidade dos cursos de Medicina. O plano de carreira pode de alguma maneira motivar os cursos a melhorarem o ensino?

Não acredito que o plano de carreira tenha influência marcante nas Escolas Médicas. A qualidade dos cursos está diretamente relacionada à contratação de professores suficientemente qualificados, que queiram se dedicar à prática da medicina e ao

ensino. Muitos cursos pagam de forma ridícula seus docentes, enquanto cobram mensalidades astronômicas de seus alunos. A maioria das universidades públicas já tem seus currículos direcionados para a formação de médicos visando o sistema público de saúde. Nestas, também, os salários estão bastante defasados, como de todo o funcionalismo público ligado ao poder executivo.

Fora o plano de carreira, quais são os projetos de lei de maior interesse da classe médica?

Tivemos a imensa satisfação de conseguir aprovar na Câmara dos Deputados, no ano passado, o PL 7703/06, que trata de regulamentação do exercício da Medicina, sendo a única profissão da área de saúde que ainda não tem suas atribuições estabelecidas em lei. Esperamos sua aprovação também no Senado ainda no primeiro semestre deste ano. Além disso, temos um projeto de lei parado no Senado que estabelece a Classificação Brasileira de Honorários para Procedimentos Médicos (CBHPM), como o único parâmetro de pagamento para o serviço dos médicos, seja no atendimento por planos de saúde, bem como para o Sistema Único de Saúde (SUS). O que certamente trará benefícios aos médicos e à população atendida, independente de serem detentores de plano de saúde ou usuários do SUS.

Divulgação



Formado em Medicina pela UFSC em 1978, José Francisco Bernardes é presidente do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina (Cremesc) desde dezembro de 2009. Nascido no Rio de Janeiro, veio para Florianópolis em 1965. Aos 57 anos, é professor adjunto do Departamento de Clínica Cirúrgica da UFSC, além de instrutor do Programa de Residência Médica em Ortopedia do Hospital Governador Celso Ramos. É mestre em medicina pela USP na área de Ortopedia e Traumatologia e tem trabalhos publicados na área de cirurgia de ombro. O médico ortopedista do Ministério da Saúde já presidiu a Sociedade Catarinense de Ortopedia em dois mandatos.

Fernanda Burigo

ZERO

Dissidentes cubanos pedem ajuda

Mas presidente brasileiro diz que greve de fome não pode ser pretexto dos Direitos Humanos para libertar presos

“O presidente Lula tem escolhido muito bem as viagens que fará este ano”, sintetizou o porta-voz da Presidência, Marcelo Baumbach, antes da viagem de Lula por quatro países da América Latina – entre eles Cuba – realizada entre 21 e 27 de fevereiro deste ano.

Dois dias depois de partir, em Havana, capital cubana, a agenda do presidente brasileiro incluía uma visita ao líder Fidel Castro e o anúncio de apoio à construção do porto de Mariel com investimento de US\$ 300 milhões.

No entanto, dois incidentes ocorridos durante a estadia de Lula em território cubano colocaram em dúvida a afirmação de Baumbach, pelo menos em relação à escolha das datas das viagens presidenciais.

Após 85 dias de greve de fome, o encanador de 42 anos Orlando Miguel Zapata Tamayo faleceu depois de ser transferido do presídio de Chamaguey para o hospital. No dia seguinte a sua morte, 24 de fevereiro, Guillermo Fariñas iniciou um jejum em defesa da preservação dos direitos humanos e pela libertação de 26 presos doentes. Os dois cubanos estão entre os 75 dissidentes políticos detidos desde 2003, amparados na Lei 88, que prevê “a proteção da independência nacional e da economia de Cuba”.

Imediatamente após a morte de Zapata, Estados Unidos, União Européia, Organização dos Estados Americanos (OEA) e das Nações Unidas (ONU) se juntaram à organização de defesa dos direitos humanos Anistia Internacio-

nal em campanha contra o governo de Cuba. Com a greve de fome de Fariñas como principal argumento, estes órgãos e nações solicitaram às autoridades da ilha ao longo de março respeito aos direitos humanos e libertação dos 26 presos.

Em contrapartida, o presidente de Cuba, Raúl Castro, lamentou a morte de Zapata, mas disse que não cederá a pressão de qualquer ordem. Para o líder cubano, os 75 prisioneiros não são “presos de consciência” como a Anistia Internacional define, mas “mercenários” e “terroristas de Estado” a serviço dos EUA. Para o governo da ilha, Zapata e Fariñas são duas peças manipuladas contra Cuba.

Lula estava em Cuba durante os fatos e se tornou um dos personagens

deste debate internacional. Antes de chegar em Cuba, 50 presos pediram por carta ao presidente brasileiro que intercedesse por suas libertações no encontro com os Castros. A mensagem dizia que Lula seria um “magnífico interlocutor para conseguir que o governo cubano realize as reformas econômicas, políticas e sociais urgentemente necessárias”. Lula afirmou não ter recebido carta alguma.

Questionado sobre o método de protesto utilizado pelos dissidentes políticos, o presidente brasileiro se posicionou contra a greve de fome e comparou a situação dos presos cubanos a dos brasileiros. “Eu acho que greve de fome não pode ser utilizada como um pretexto dos Direitos Humanos para libertar pessoas. Imagine se todos os

bandidos que estão presos em São Paulo entrassem em greve de fome e pedissem liberdade”, declarou o presidente. “Temos de respeitar a determinação da Justiça e do governo de Cuba de deter pessoas em razão da legislação daquele país, como quero que respeitem o Brasil”.

O presidente Lula agiu de forma correta ao se posicionar contra o protesto utilizado pelos prisioneiros cubanos e creditar total legitimidade à Justiça de Cuba na condenação aos 75 presos?

O professor de Ciência Política da UFSC, Héctor Ricardo Leis, e o presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) estréiam a sessão **Debates**, do ZERO, com suas opiniões sobre a questão cubana e as declarações do presidente brasileiro.

O drama de Lula em Cuba

Talvez, com a única exceção das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), nenhum revolucionário latino-americano dos anos 60 e 70 pretenderia seguir hoje o manual de luta armada que então guiava sua ação. A democracia “burguesa” que hoje temos em toda a América Latina – com a única exceção de Cuba – não estava nos planos dessa geração, no começo de sua longa marcha. Mas também é verdade que naqueles anos eram poucos os atores que manifestavam um compromisso autêntico com a democracia e os direitos humanos, de ambos os lados do espectro político. O aprendizado foi de certa forma do conjunto da sociedade. A rigor, nossas sociedades não tinham aprendido ainda a viver em democracia, nem a respeitar os direitos humanos. As experiências anteriores estiveram quase sempre contaminadas por interesses oligárquicos.

O registro democrático do século 20 em América Latina foi tão pobre, sofreu de tantas interrupções, que se pode afirmar que o processo de transição de-

democrática, iniciado nos anos 80, foi para muitos dos países que saíram do autoritarismo o primeiro processo de construção democrática sem restrições oligárquicas ou militares. No entanto, apesar de que a região retirou praticamente de seu horizonte a possibilidade de um retorno aos regimes autoritários de outrora, a construção democrática não transita sem sobressaltos.

Um exemplo disto foi dado pelo presidente Lula, durante sua recente visita a Cuba, um dos prisioneiros de consciência do regime castrista, morreu depois de um longo período de greve de fome. Frente a este acontecimento houve uma rápida reação por parte da comunidade internacional, vindo tanto das mais reconhecidas organizações não governamentais internacionais de defesa dos direitos humanos, como de um



Héctor Ricardo Leis
professor de Ciência Política na UFSC

sem-número de lideranças políticas de todas as cores. Apesar disso, Lula fez como se nada estivesse acontecendo na ilha e subiu ao avião de retorno sem fazer qualquer declaração a respeito. Para piorar ainda mais a situação, já no Brasil, Lula comparou a situação dos presos políticos em Cuba com a de presos comuns no Brasil.

Arthur Koestler conseguiu mostrar como ninguém os labirintos da mentalidade da esquerda revolucionária. No seu livro, *O Zero e o Infinito* (publicado em 1941, a propósito dos Juízos de Moscou), ele nos conta a tragédia do velho bolchevique Rubachov, que prefere confessar uma culpa que não tem, antes de acusar ao partido comunista pela sua injusta prisão, já que isso poderia enfraquecer a causa da revolução.

A atitude do presidente Lula com relação a Cuba faz lembrar o comportamento do personagem Rubachov. Talvez o presidente brasileiro não consiga criticar Cuba porque pensa que isso poderia ser aproveitado pela “direita”. Mas fazendo isso estaria evidenciando uma falta de convicção democrática, já que estaria colocando hoje à defesa dos direitos humanos e da democracia de forma subordinada aos ideais revolucionários de ontem, expressados na sua anacrônica solidariedade com a “revolucionária” ditadura dos Castro.

Cuba e os direitos humanos

“Lula não deve interferir em conflito interno cubano”

A imprensa estadunidense (leia-se CNN), juntamente com a européia e a de alguns países latino-americanos, desencadeou uma propaganda sistemática contra Cuba, alegando, neste caso, o desrespeito aos direitos humanos por parte do governo de Havana. Na realidade, esta campanha não é nova já que teve início em 1961 quando Fidel Castro proclamou o caráter socialista da Revolução Cubana. Por conta desta postura soberana, Washington se valeu do terrorismo de Estado para inviabilizar os avanços sociais da Ilha, começando com a guerra bacteriológica contra os canaviais, passando pela peste suína contra os animais, chegando à propagação da dengue contra os humanos e permanecendo todos estes anos no constante ataque contra Cuba, afirmando o não respeito aos direitos civis das pessoas.

Na verdade, são os Estados Unidos os grandes violadores dos direitos humanos. Basta ver os vários porto-riquenhos que cumprem pena de aproximadamente trinta anos em cadeias estadunidenses por lutarem pela independência de Porto Rico; os muitos afegãos e iraquianos torturados na base naval de Guantánamo por se oporem à invasão de Cabul e Bagdá; os grupos de resistência no Iraque que foram presos e humilhados de forma vexatória na prisão de Abu Ghraib; os negros, os latinos e os indígenas que sofrem um racismo constante e persistente dentro da sociedade estadunidense, reclamando direitos iguais aos brancos anglo-saxônicos.

Cuba sempre foi, desde a ruptura de suas relações diplomáticas com os Estados Unidos, uma democracia militarizada. Isso se deve ao não reconhecimento de Washington à soberania de Havana. A Casa Branca tentou de todas as formas derrubar o governo revolucionário cubano, começando com a invasão armada (1961), passando pela Lei de Ajuste (1966), que confere a todo cubano a condição de refugiado político, chegando a Lei Torricelli (1992) e Helms-Burton (1996) que tratam do cerceamento do comércio e de negócios. O governo de Havana permite toda e qualquer crítica ao sistema, desde que o movimento não esteja à serviço e financiado pe-

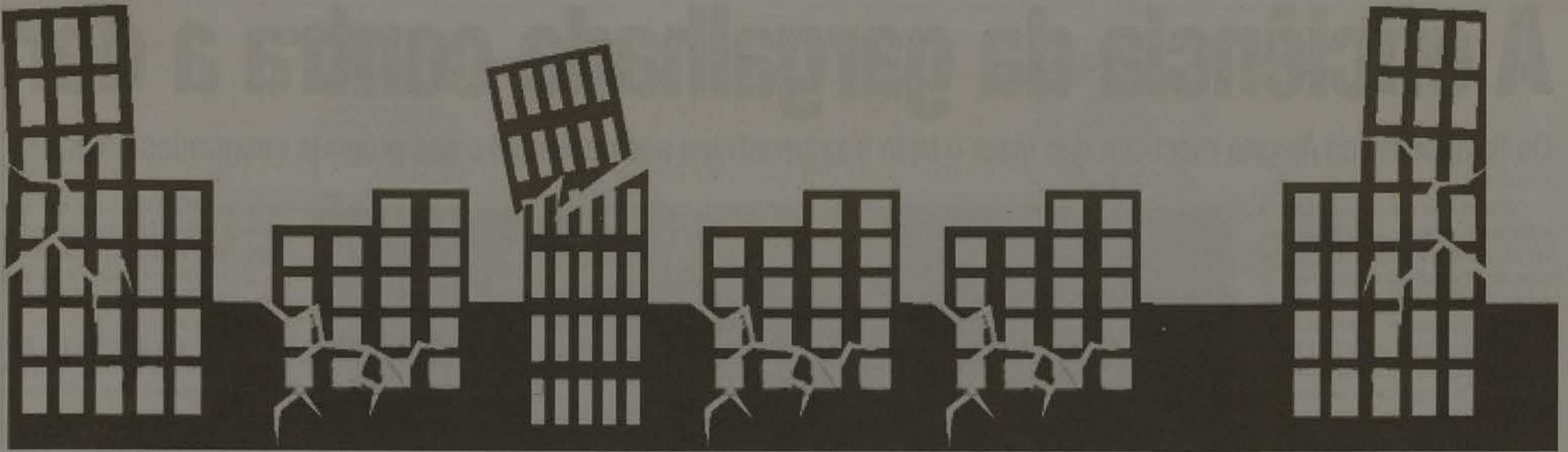


Waldir Rampinelli
presidente do IELA

los Estados Unidos. Esta foi uma revolução que custou milhares de vidas e não se pode permitir que o inimigo a destrua com a complacência do Estado socialista.

Um grupo de mulheres cubanas, conhecidas como as damas de blanco, que vem se manifestando contra o governo com certa regularidade não estão pleiteando liberdade para criticar o Estado cubano – elas já o tem – e sim o direito de destruir o Estado socialista. É evidente a conexão existente entre o Departamento de Estado e a manifestação havida em Miami dirigida pela cantora Gloria Estefan, filha de um ministro do ditador Fulgencio Batista, passeata da qual também participou o terrorista Posada Carilles em apoio a estas senhoras e ao grevista Guillermo Fariñas. Pediram a intervenção da ONU, da OEA e dos EUA não apenas contra Cuba, mas também contra a Venezuela. Liberdade para intervir, este foi o lema.

Com base neste breve histórico que relatei, o presidente Lula não deve e não pode interferir em um conflito interno de um Estado soberano. Antes de exigir qualquer atitude do governo cubano, os organismos internacionais deveriam obrigar os Estados Unidos a reconhecer o Estado Socialista Cubano como uma entidade soberana.



Os tremores que sacudiram o mundo

Recentes terremotos reacendem discussões sobre economia e as influências do homem sobre o planeta

Mal o ano de 2010 começou e o planeta já sofreu mais de 44 terremotos com magnitude acima de 6 graus na escala Richter. Com mais de 223.000 vítimas, esse já é o segundo pior ano do século XXI se for levado em consideração o número de mortos em decorrência de abalos sísmicos. Muitas dúvidas surgiram sobre a real causa de desastres naturais cada vez mais fortes e frequentes. Em meio às catástrofes, foram observadas as profundas diferenças sociais dentro de um mesmo continente. Chile e Haiti, países social e economicamente opostos, buscaram, cada um a sua maneira, minimizar os efeitos das hecatombes recentemente vivenciadas por seus habitantes.

O terremoto ocorrido no dia 27 de fevereiro de 2010 deixou pelo menos 500 mortos, além de milhares de desabrigados. No Haiti, os tremores registrados em 12 de janeiro geraram prejuízos em torno de 8 bilhões de dólares; foram mais de 220.000 mortos e milhões de desabrigados. No entanto, a magni-

tude do terremoto ocorrido em Porto Príncipe (7 graus) foi menor do que a sofrida pelo Chile (8,8 graus). Segundo o professor de Geologia da UFSC, Edison Ramos Tomazzoli, esse fato tem uma explicação: "O efeito danoso de um terremoto não depende apenas da magnitude, ou seja, da energia por ele liberada, mas também de sua intensidade, que é a força com que ele atinge determinada cidade ou local". O professor Tomazzoli ensina que o local onde é originado o terremoto denomina-se hipocentro. "O epicentro é o hipocentro projetado em uma superfície, e dele depende a intensidade de um terremoto", diz. No caso do Chile, as cidades estavam a mais de 100 Km do epicentro - localizado no mar. Já no Haiti, o tremor ocorreu praticamente debaixo de centros urbanos, a 25 Km da capital Porto Príncipe.

O maior motivo, entretanto, para as diferenças no número de mortos entre esses países é o desenvolvimento econômico de cada região. O professor

Massato Kobiyama, do curso de Engenharia Ambiental da UFSC, afirma que "não há forma melhor para um país se proteger de desastres ambientais do que através do crescimento econômico". Com a maior renda per capita da América Latina, o Chile tem sido nas últimas décadas modelo de desenvolvimento, em contraste com o Haiti, uma das nações mais pobres das Américas.

Assim, o Chile pode se precaver de tremores através de construções mais resistentes; como não é possível prever quando e onde vão ocorrer terremotos, uma legislação exige paredes mais grossas e sistemas antitremor em casas e edifícios. De acordo com o professor Massato, embora ainda não seja possível prever abalos sísmicos, existem estudos promissores nesse sentido, que levam em conta as radiações emitidas pela terra.

Uma das polêmicas surgidas durante os últimos anos é se haveria alguma relação entre o aumento no número de terremotos e o aquecimento global. Neste ano, essas discussões voltaram à tona. Além dos ambientalistas, agora também alguns geólogos afirmam que a sequência de terremotos dos últimos anos comprovam a influência do homem sobre a natureza. Segundo Patrick Wu, geólogo da Universidade de Alberta no Canadá, o derretimento do gelo no Ártico - uma das consequências do aquecimento global - já vem provocando um número maior de tremores na região e deslizamentos subterrâneos. O pesquisador prevê que as mudanças climáticas devem trazer "muitos terremotos". "O peso do gelo exerce um enorme estresse sobre a crosta, e de alguma forma inibe os terremotos, mas se o gelo derreter, mais terremotos devem ocorrer. É o mesmo que espremer uma bola de futebol. Ao retirar o peso, ela retornará à sua forma original", completa. De acordo com ONU, o número de catástrofes naturais no mundo vem aumentando nos últimos trinta anos numa taxa média anual de 6%, e um possível motivo seria a interferência humana sobre a Terra. Esses dados pre-

ocupantes vêm em um momento em que há uma acirrada disputa entre ambientalistas e céticos quanto a questões climáticas.

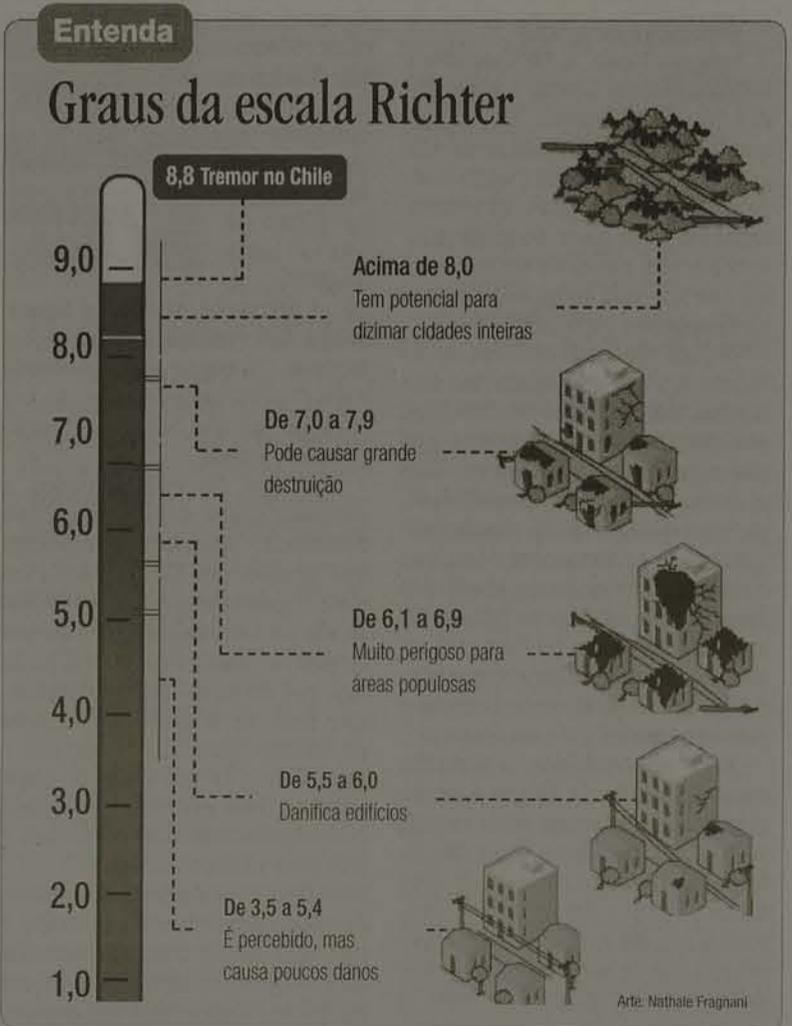
Em 2007, em visita ao Chile para a conferência "Aquecimento Global e Mudanças Climáticas" ocorrida na capital Santiago, o ex vice-presidente americano Al Gore afirmou que os governos tentam esconder o fato de que a influência do homem é decisiva para o futuro do planeta. Nessa mesma conferência, a então presidente chilena Michelle Bachelet disse: "Embora o Chile represente apenas algo em torno de 0,2% das emissões mundiais, o país está pronto para promover o desenvolvimento sustentável". Para ela, "no Chile, nos EUA e no mundo a vontade política é um recurso renovável".

Nessa mesma conferência, a então presidente chilena Michele Bachelet disse: "Embora o Chile represente apenas algo em torno de 0,2% das emissões mundiais, o país está pronto para promover o desenvolvimento sustentável". Para ela, "no Chile, nos EUA e no mundo a vontade política é um recurso renovável".

Rafael Balbinotti



Professor Tomazzoli explica os fatores que determinam os efeitos destrutivos dos terremotos



A eficiência da gargalhada contra a dor

Os Terapeutas da Alegria mostram que fazer o bem traz benefícios aos pacientes e aos próprios integrantes do grupo

“Quando eu comecei a fazer a prática do projeto, indo ao hospital vestida de Dra. Palhaço, minha vontade era auxiliar as pessoas que estavam lá, tirando o foco de me observar enquanto acadêmica. O importante é você conseguir fazer o bem naquele momento, ajudar a criança a esquecer-se da dor enquanto ela não volta, fazendo-a rir, brincar e até mesmo refletir sobre a situação em que ela está vivendo”. Liliane Fernandes, estudante de Psicologia na Unisul, é também a Dra. Ricota e faz parte dos Terapeutas da Alegria há quatro anos.

O grupo, que busca levar a alegria e tornar menos dolorosa a passagem das pessoas pelo hospital, foi criado em 2002. Suas primeiras atividades tiveram início através de cinco acadêmicos e funcionários da Unisul que realizavam apresentações de música e teatro no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Tubarão. O grupo passou a organizar visitas semanais aos pacientes internados no hospital e a chamar a atenção de acadêmicos que estagiavam no local. O projeto começou a crescer, ganhou projeção e hoje tem sua área de atuação na Unisul, Udesc e UFSC. Os estudantes interessados são, na maioria, de cursos da área da saúde como Nutrição, Psicologia e Fisioterapia. A atividade por eles desenvolvida é abordada em *Patch Adams, o amor é contagioso*, filme que mostra alunos de medicina que buscam criar um atendimento hospitalar humanizado, desenvolvendo a capacidade de se colocar no lugar do próximo.

Formação do grupo

Gustavo Tanus, o Dr. Pimenta, é coordenador de visitas e formador dos futuros doutores. Ele explica que ser um dos Terapeutas da Alegria não é simplesmente vestir-se de palhaço e ir ao hospital. Os interessados em fazer parte do grupo passam por seis meses de treinamento em que têm aula de teatro, bio-dança e expressão corporal.

Depois são mais seis meses de estágio em que os voluntários participam das visitas e, no fim deste ano de atividade em grupo, é que eles recebem seus diplomas. Essa preparação ajuda na versatilidade, na improvisação e no amadurecimento dos participantes. “Durante o tempo de formação são abordados assuntos que ajudam os futuros terapeutas a lidarem melhor com situações que podem ser encontradas dentro do Hospital, como doenças e possíveis mortes”, afirma Gustavo.

Para os envolvidos, o trabalho como Terapeuta da Alegria é muito gratificante. “Diversas vezes os pais vieram nos agradecer, dizer que fizemos a diferença na vida de seus filhos”, conta o Dr. Pimenta. Pessoalmente, ele acredita que a experiência trouxe uma reflexão maior sobre suas prioridades e sobre o



O grupo Terapeutas da Alegria, formado em 2002, atrai cada vez mais o interesse de estudantes de cursos da Unisul, UFSC e Udesc

valor de sua vida: “Às vezes penso no porquê de eu estar aqui saudável e aquelas crianças, às vezes recém-nascidas, estarem internadas, passando por tratamentos pesados e sofrendo”.

Benefícios

Todos os Terapeutas da Alegria concordam que o trabalho é uma terapia para eles também. “Às vezes tive um dia complicado e ir para

as visitas me alegro, por saber que estou fazendo o bem”, explica Monique Rocha, a Dra. Boneca, estudante da quinta fase de Nutrição da UFSC. Já Ana Luiza Nogueira, a

Dra. Carambola, afirma ter aprendido a lidar melhor com situações adversas. “O que eu estou passando é muito pequeno se comparado, por exemplo, ao que as crianças estão vivendo”, reflete.

Monique diz que aprendeu a controlar o que sente e ficou mais desinibida. “Hoje tem uma criança que precisa dos Terapeutas. Para ela é importante que nós estejamos lá, ela precisa mais daquilo do que eu preciso fazer outras coisas, como sair, por exemplo”, diz a estudante, que hoje vê o grupo como uma prioridade. Ana Luiza completa o raciocínio: “Às vezes são só cinco minutos, mas ela está interagindo com alguém diferente do médico e isso pode mudar o seu dia”.

A Dra. Ricota afirma que aprende com cada criança que visita e que elas fazem com que acredite que as pessoas ainda podem ser melhores. “Outra coisa que me mo-

tiva é tentar fazer com que outros profissionais da área da saúde vejam que há muito mais a ser feito do que a técnica aprendida durante o curso de graduação”.

Lucas D’Avilla, estudante de Psicologia na UFSC, é um dos poucos meninos do grupo. Para ele, ser um Terapeuta da Alegria faz com que se sinta mais humano: “Sinto-me bem me aproximando de alguém que não conheço para fazê-lo sentir-se melhor, ajudando sem esperar nada em troca”. Ele ressalta a importância que o trabalho tem, não só para as crianças, mas para os pais dos pacientes e para os funcionários do hospital. “Às vezes,

os pais precisam de mais motivação que as crianças e a presença deles durante as visitas dos Terapeutas faz com que seus filhos sintam-se seguros em participar das brincadeiras”.

Para o pediatra Thiago Demathé, um dos idealizadores do projeto e coordenador dos grupos, o projeto Terapeutas da Alegria contribuiu muito para a sua formação, profissional e pessoal. Ele afirma que é muito importante olhar para o paciente e se interessar por ele, fazer com que haja uma empatia nesta relação e não simplesmente dar um diagnóstico.

“O projeto ajudou muito na minha formação como pediatra, pois o Doutor Palhaço me fez aprender a lidar melhor com crianças”. Pense nesta situação: se você tivesse que ir ao médico, não iria preferir um com o espírito de Doutor Palhaço,

alguém que fizesse da consulta algo não traumatizante?

Impressões sobre o grupo

Carina, de 16 anos, conheceu os Terapeutas da Alegria enquanto estava internada no Hospital Infantil no ano passado, fazendo tratamento para câncer no pulmão e no fígado. “Eu adoro o Dr. Pimenta. A presença dele era muito boa, pois às vezes eu estava triste e ele me alegrava”, referindo-se ao personagem de Gustavo Tanus. Os terapeutas fazem um trabalho lúdico com as crianças, criando situações em que elas têm que imaginar, representar ou pelo menos brincar de alguma maneira. “Durante a visita, sempre passamos uma mensagem para fazê-las ter força e estimular o pensamento em coisas boas”, diz Lucas.

Dentro do hospital, as opiniões se dividem; alguns funcionários, eventualmente, até participam das brincadeiras, enquanto outros pensam que o trabalho deles não pode ajudar. Sabendo disso, os Terapeutas evitam fazer muito barulho ou atrapalhar as refeições dos pacientes. “Às vezes a criança não quer comer e, se nós entramos no quarto e a distraímos, dificilmente ela vai conseguir se acalmar e se concentrar na refeição”, explica Monique.

Thiago Demathé afirma que, clinicamente, o riso e a alegria fazem com que o corpo libere hormônios que contribuem para o bem estar e a melhoria do paciente, como a endorfina e a adrenalina. Considerando

sua experiência, ele conta que essa melhora é visível durante as visitas, podendo ser notada na hora. “Não é necessário fazer exames de sangue para ver se foram liberados os hormônios. Vemos e sentimos isso na alegria que eles demonstram, pelo fato de estarem sorrindo naquele ambiente que não é propício para isso”, diz o pediatra.

Segundo Thiago, os benefícios do grupo atingem dois pontos. Para os acadêmicos, dá-se de forma indireta, voltada para a formação pessoal. Durante a faculdade, os estudos são direcionados para o profissional, deixando em segundo plano as relações pessoais entre profissional e paciente: “O estudo de medicina é muito voltado para fazer diagnósticos, prescrever receitas, e esse tipo de formação faz com que não se priorize o lado humano do atendimento”.

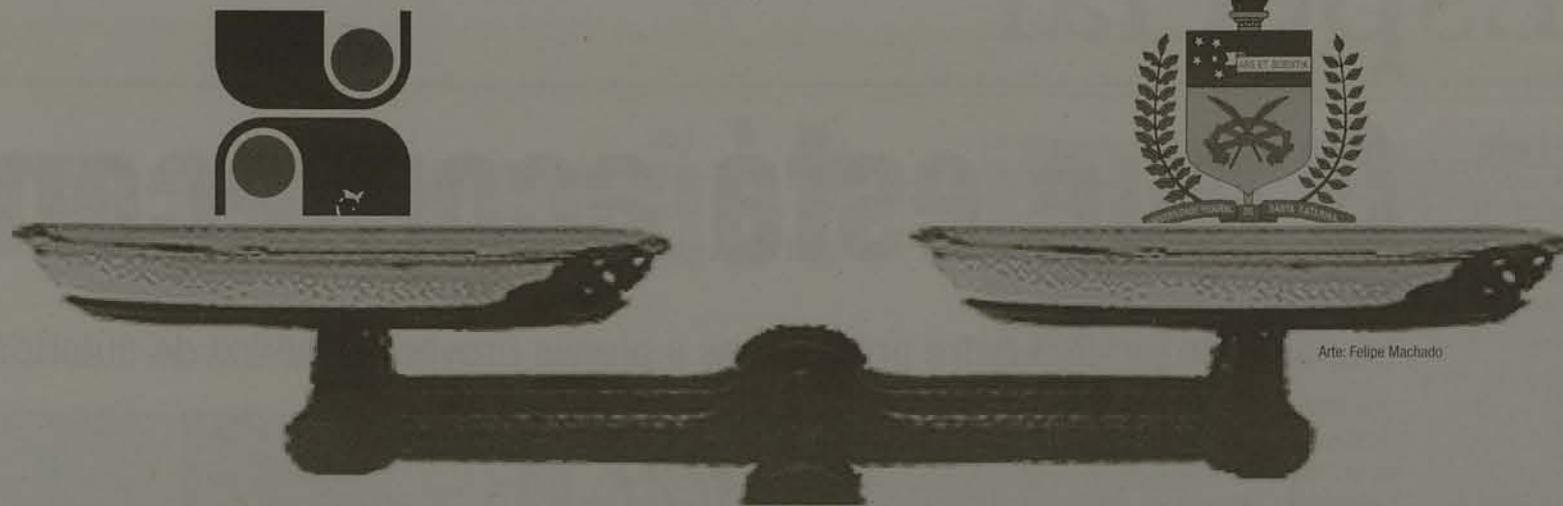
Por outro lado, para o paciente, além da liberação de hormônios, há uma melhora na qualidade de vida enquanto estão no hospital. A visita de um Terapeuta da Alegria faz com que a rotina de doença e o contato apenas com médicos e enfermeiras seja quebrado. É um momento em que o paciente esquece, mesmo que por pouco tempo, a situação que está vivendo.

Resultados

Em 2010, o grupo pretende aumentar o tempo de formação dos terapeutas de um para dois anos e incluir um semestre mais voltado para pesquisa, medida que enriquecerá ainda mais a formação acadêmica dos participantes. A cada seis meses, são abertas aproximadamente 80 vagas e a demanda é cada vez maior. Sempre há pessoas interessadas que não conseguem vagas.

Além de buscar conhecer diversas áreas durante a faculdade, os estudantes estão mais conscientes do tipo de profissionais que desejam ser no futuro e buscam uma formação diferenciada, que pode, nesse caso, ser proporcionada pelos Terapeutas da Alegria. O tempo que eles participam do grupo e das visitas às crianças faz com que se transformem em profissionais capazes de realmente se importar com o próximo e isso faz com que, no futuro, sejam médicos, psicólogos, fisioterapeutas ou nutricionistas muito bem preparados para atender e ajudar todos aqueles que os procurarem..

Luiza Fregapani



Arte: Felipe Machado

Alunos devem escolher só um curso

Lei que visa promover inclusão proíbe estudantes de ocupar duas vagas ao mesmo tempo em universidades públicas

Fernando Jose Benetti é aluno do curso de História na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). No segundo semestre do ano passado o estudante sentiu necessidade de complementar sua instrução fazendo mais uma faculdade. Fernando, então, inscreveu-se em outubro no vestibular para Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Ele foi aprovado. Porém, em novembro foi sancionada a lei que proíbe estudar em duas universidades públicas simultaneamente. Logo no início das aulas, Fernando entrou com um processo para poder cursar as duas faculdades sob o argumento de que o projeto foi aprovado depois do período de inscrição para o vestibular e que a proibição não constava no edital do concurso.

Duas semanas depois, saiu o resultado negativo para o estudante, que cancelou sua matrícula na UFSC. Agora ele dá sequência ao curso de História e aguarda o fim do processo. “Com o resultado negativo da liminar, as chances de ganhar diminuem bastante, mas ainda existem”, diz Fernando, que acre-

dita ser possível dedicar-se a duas faculdades. “Conheço várias pessoas que fazem dois cursos e ainda participam de projetos de pesquisa ou são monitores de disciplinas. Na minha concepção é possível ter um bom desempenho em duas faculdades desde que não haja sobrecarga de disciplinas”.

“Com o projeto, serão criadas mais de 30 mil vagas a cada ano”

na UFSC e Administração na Udesc. A estudante afirma que mantém bom aproveitamento em ambos os cursos, entretanto não consegue fazer todas as disciplinas obrigatórias. Um dos cursos será concluído após o término de seu período regular.

A pró-reitora de Ensino da Udesc, Sandra Makoweky, é a favor do mérito como critério para admissão em instituições de ensino superior. Porém, ela tem a proibição como uma das melhores políticas públicas brasileiras, por considerar difícil que o aluno tenha tempo e dedicação necessários para um bom aproveitamento em dois cursos.

Para Sandra, a lei vai estimular o vestibulando a refletir mais sobre seu futuro profissional e também acredita que o projeto vai diminuir a evasão escolar.

A lei proibitiva foi criada a fim de permitir maior acesso à educação superior e diminuir a injustiça social no Brasil. “Há dados das instituições de ensino público superior que apontam que cerca de 80% dos alunos que fazem dois cursos simultaneamente abandonam um deles. Essas vagas ficam trancadas, o que impede que milhares de estudantes tenham oportunidade de frequentar uma universidade pública”, afirma o deputado autor do projeto, Maurício Rands (PT-PE). O deputado estima que mais de 30 mil novas vagas serão abertas, a cada ano, com o projeto.

O diretor do Departamento de Ensino da UFSC, professor José André Peres Angotti, também é a favor da proibição. “Não sei como isso era permitido num país com tanta desigualdade social como o nosso”, afirma. Para o diretor, o aluno aprovado em duas universidades é geralmente aquele que teve melhores oportunidades de estudar, apoio familiar e condição financeira favorável.

A preocupação agora é quanto ao preenchimento das vagas no início deste semestre. No ano passado, no mesmo período, havia quatro vagas a serem

ocupadas na sexta chamada geral da Udesc, neste ano, na mesma chamada, ainda há 40 vagas abertas.

Na UFSC, há ainda mais vagas não preenchidas. A universidade lançou o edital da terceira chamada no dia 12 de março com 390 vagas. Na terceira chamada do ano passado, eram 117 alunos listados. O aumento deve-se em parte pela criação de sete novos cursos para o último vestibular, os quais totalizaram 36 vagas da terceira chamada.

Não se pode afirmar que a nova lei foi a principal responsável por este panorama. O período de inscrição e até mesmo de provas da Udesc foram anteriores à sanção do regulamento. Os problemas do Enem, como adiamento das provas, também podem ter contribuído.

Ainda é possível cursar nível superior e técnico simultaneamente em instituições públicas, mas o reflexo na procura pelos cursos técnicos federais ainda não foi notado. Se comparados o número de vagas a serem preenchidas no Instituto Federal de Santa Catarina, o IF-SC (antigo Cefet) neste ano, em segunda cha-

mada, com os dados do ano anterior, percebe-se que não houve grande variação. Os alunos convocados em 2009 somaram 44 na unidade do continente, 71 na ilha e 28 em São José. Já em 2010, foram 33 para o continente, 94 para a ilha e 24 para São José.

Tanto na UFSC como na Udesc ainda não há um sistema que permita cruzar dados com outras universidades públicas para averiguar a dupla matrícula. Os alunos que se matricularam neste semestre assinaram um termo de compromisso, se mentiram, responderão a processo por falsidade ideológica.

O Ministério da Educação (MEC) está desenvolvendo um sistema que utilizará o CPF dos estudantes para verificação, mas ainda não há prazo para conclusão. Maurício Rands diz que os demais alunos das instituições também podem fiscalizar, assim como o MEC, a Associação de Docentes do Ensino Superior (Andes), as associações de pais, o Ministério Público ou qualquer cidadão.

Cinthia Raasch

Mais de 80% deixa uma das faculdades

A lei nº 12.089/09 foi criada pelo deputado federal Maurício Rands (PT-PE) para proibir que uma pessoa ocupe duas vagas simultaneamente em universidades públicas, seja na mesma instituição ou em duas. “Entre um direito individual e um coletivo, deve prevalecer sempre o direito coletivo. É também importante informar que os reitores das universidades públicas do país, por unanimidade, apoiam essa lei, cujo objetivo é ampliar a oferta de vagas nos estabelecimentos”, defende Rands.

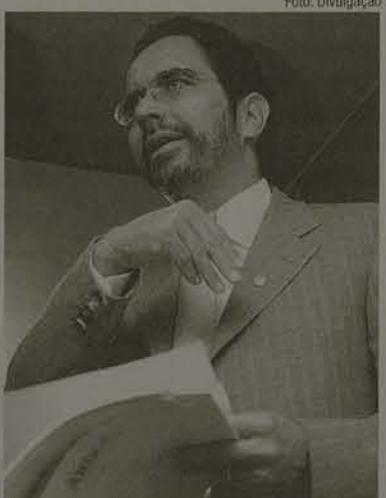
Uma linha contrária à lei afirma que o projeto impede que os indivíduos exerçam suas capacidades intelectuais. Para o deputado este argumento não faz sentido. “A vaga será ocupada por outro estudante, que igualmente exercerá suas competências. É bom lembrar que o que separa um aluno que entra e outro que fica de fora de um curso são alguns décimos na pontuação. O mais importante é avaliar se é justo que duas

vagas financiadas pelo poder público, à custa dos tributos pagos pelos cidadãos, sejam preenchidas, em mais de 80% dos casos, por quem posteriormente abandonará um dos cursos. Ainda mais quando se sabe que a imensa maioria dos brasileiros não tem como pagar os próprios estudos”, rebate.

Muitos estabelecimentos de ensino, entre eles UFSC e Udesc, já vetavam a matrícula em dois cursos dentro de suas próprias instituições antes mesmo da aprovação da lei.

A universidade que constatar que um de seus alunos ocupa duas vagas deve comunicar-lhe que tem de optar por uma das matrículas em cinco dias úteis. Se o aluno não fizer a escolha, a instituição vai cancelar a matrícula mais antiga, no caso de a duplicidade ocorrer em estabelecimentos diferentes; a matrícula mais recente, quando a duplicidade for no mesmo local.

Simultaneamente ao cancelamento,



Maurício Rands é o autor da lei nº 12.089/09

será decretada a nulidade dos créditos adquiridos no curso cuja matrícula foi cancelada. O aluno que já estava cursando duas faculdades antes da aprovação da lei poderá concluí-las regularmente. (C.R.)

Emprego

Formação dupla: ajuda ou não?

Muitos estudantes acreditam que possuir duas formações no currículo lhes trará mais oportunidades profissionais. Para o deputado Maurício Rands, a lei proibitiva, além de aumentar o acesso à educação superior pública, também protege os estudantes que têm esta crença. “É importante informar aos alunos que fazem duas faculdades ao mesmo tempo que essa prática poderá prejudicá-los. Por exemplo, qual perfil seria mais apropriado para uma empresa? Um pretendente que tem foco nos estudos, que sabe o que quer e se dedica a uma determinada área profissional ou outro que frequenta dois cursos e ainda não sabe exatamente o que deseja? Claro que a empresa tenderá a preferir o primeiro candidato, que após terminar a sua graduação, aí sim, poderá

fazer uma especialização, um mestrado, doutorado, MBA, etc.”, argumenta o deputado.

Segundo a presidente regional de Florianópolis da Associação Brasileira de Recursos Humanos, Maria Teresinha Medeiros, a principal exigência no momento de selecionar candidatos é o curso superior na área de trabalho para a vaga pretendida. Nesse caso, o segundo curso não traria diferença significativa. Teresinha salienta ainda que o critério principal para o ingresso de um profissional recém-formado no mercado de trabalho é a vontade e a disponibilidade. “Podemos dizer que essas pessoas têm a vantagem de ainda não possuir os vícios que a prática da profissão pode trazer. Outra característica do profissional recém-formado é a atualização.” (C.R.)

Propostas de Leis visam combater a violência na escola

Ao perceber a onda de violência que varre o Brasil, o Senador Paulo Paim, do PT do Rio Grande do Sul, apresentou um Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 191, de 2009, que pretende estabelecer procedimentos de socialização e de prestação jurisdicional e prevê medidas protetivas para os casos de violência contra o professor oriundos da relação de educação.

O PLS, que encontra-se em tramitação no Senado, entende por violência "qualquer ação ou omissão decorrente da relação de educação que lhe cause morte, lesão corporal ou dano patrimonial" praticada direta ou indiretamente por alunos, pais ou responsáveis.

Com a aprovação da lei, os alunos que praticarem esses tipos de agressão poderão ser transferidos para outra sala de aula ou até mesmo afastados da escola, ou ainda serem proibidos de aproximar-se do professor ofendido e seus familiares. Caso haja necessidade a Justiça poderá garantir ao professor agredido um programa oficial ou comunitário de proteção ou assistência, além de determinar sustentação do seu vínculo trabalhista por até seis meses, em casos de afastamento do local de trabalho.

Segundo pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), 89% dos professores gostariam de contar com uma lei que os protegesse de agressões praticadas por alunos.

Durante a discussão da proposta o Senador Paim declarou que é preciso proteger o professor também. "Todos olham para o aluno, mas é importante estar atento também para a situação do professor".

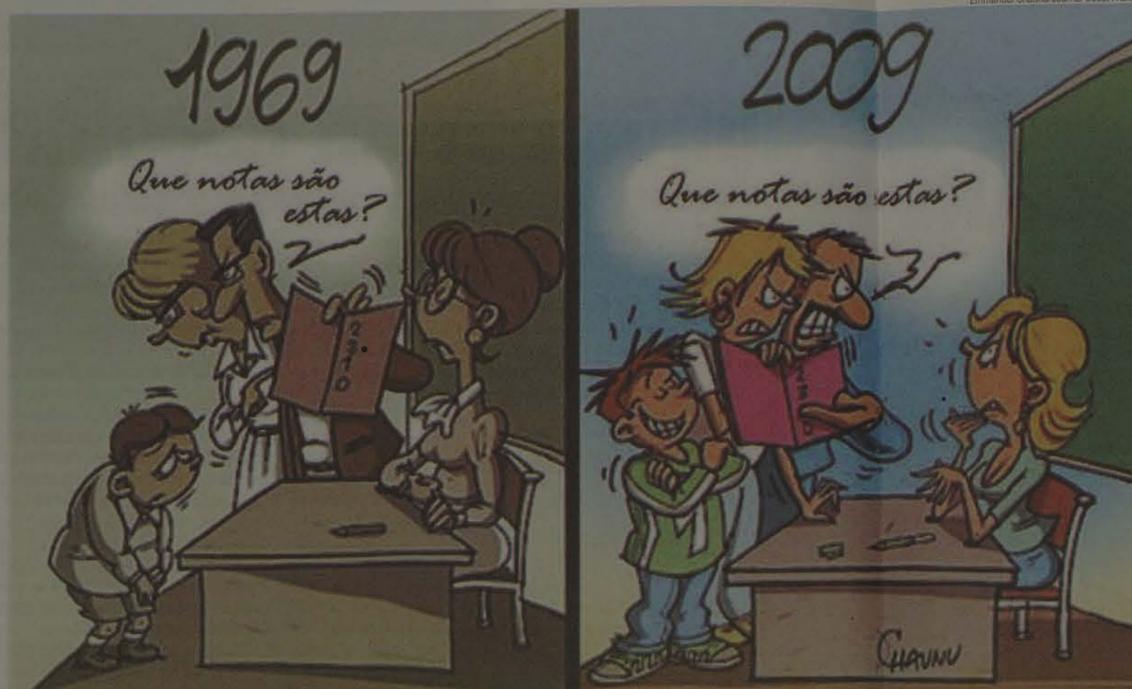
Também está tramitando no Senado o Projeto de Lei 251, de 2009, de autoria da senadora Marisa Serrano do PSDB de Mato Grosso do Sul, que autoriza o governo federal a implantar o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (Save).

Segundo a proposta, que prevê uma articulação com os estados, os municípios e o Distrito Federal, o sistema atuará na produção de estudos, levantamentos e mapeamento de ocorrências de violência escolar.

A senadora conta que buscou inspiração na criação de órgão semelhante pelos Estados Unidos, em 1984 - o Centro Nacional de Segurança nas Escolas. O senador Flávio Arns, do PSDB do Paraná, relator favorável ao projeto, ressaltou a inversão na visão que a sociedade tem sobre a educação. "A maior preocupação da sociedade hoje não é mais com a qualidade do ensino, mas com a violência escolar". (MLG)

O que está acontecendo com a educação?

Disparidade jurídica entre professores e alunos provoca conflitos de autoridade; enfrentamentos e agressões físicas têm sido frequentes nas escolas



Emmanuel Chazumi/Journal Ouest France

pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente. Compete ao poder público também reconhecer os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

A orientadora vê o Estatuto insuficiente nesse ponto: "Por causa da obrigatoriedade, há aluno que vem para cá sem querer vir, e nem entram na sala. Ficam pelos corredores. A escola fica de mãos atadas. De que adianta entrar na estatística como aluno matriculado desta maneira? A escola virou depósito de alunos".

O Art. 53 do ECA assegura às crianças e aos adolescentes: direito de ser respeitado por seus educadores; direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores. "As medi-

É preciso tirar da escola o excesso de responsabilidade e devolver aos pais o papel de educador

das protetivas do Estatuto são soberanas ao nosso regimento. A escola acaba não tendo mais o respeito dos alunos, pois eles sabem que estão acima do regimento", reclama a orientadora, e conta que "os professores não registram Boletim de Ocorrência por medo. Medo do que pode acontecer no lado de fora". "Agridir física e psicologicamente, ameaçar um colega ou um professor não é problema de indisciplina, é crime previsto no código penal e no ECA. Precisa ser punido exemplarmente", defende Oliveira. "O professor e a sociedade ficam com medo dos alunos por causa do ECA. O erro é que as pessoas recorrem a ele mais pelos direitos que pelos deveres", constata o coordenador Borgeuzon.

O dever dos pais em matricular seus filhos também é apontado como um fator agravante no fenômeno da violência. "É preciso tirar gradativamente da escola o excesso de responsabilidade, devolver aos pais o papel de educador, à sociedade o de possibilitar às famílias condições socio-cul-

turais e financeiras", defende o psicólogo Gilmar de Oliveira.

Para ajudar a sanar os problemas de violência, o Sinte oferece apoio jurídico, e cabe ao Estado dar o apoio psicológico. "Mas estas são soluções remediadoras, não preventivas", afirma o diretor do Sindicato.

O parágrafo único do mesmo artigo (53) diz que é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. "Mas o professor se inibe de fazer um bom trabalho, porque na grande maioria das vezes não há esse respaldo da família, nem dos alunos, nem do Estado, nem da lei", conclui Borgeuzon.

Os projetos ficam prejudicados pela ausência de recursos, como aconteceu com um dos implantados na escola pública em abril de 2008 e enterrado em 2009 por falta de verbas e recursos humanos. Ele foi uma das ações adotadas pela escola da capital para tentar diminuir a violência. Os alunos inscritos tinham aula de percussão e dança de rua. A missão era aumentar o nível de aprendizagem, disciplina e interesse dos alunos. A aprendizagem aumentou de 10% para 80% e os casos de violência diminuíram. Os alunos chegaram a fazer apresentações em teatro e outras escolas. Mas o coordenador saiu da escola e a ideia perdeu força até chegar ao fim. Em 2010 inicia outro, que pretende ocupar o jovem de seu futuro. "É preciso muita força de vontade para que estes projetos se mantenham", lamenta a orientadora.

Segundo resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), de 2007, Santa Catarina está em primeiro lugar do ranking nacional do ensino fundamental. Mas na avaliação da Unesco da Educação em 128 países, de janeiro de 2005, para o 88º lugar, o pior entre os países do Mercosul.

"Ficar bem colocado num país em que a educação é de péssimo nível, não significa ter uma boa educação, a de Santa Catarina é ruim. O Ideb esconde mais do que revela. O diagnóstico não é fidedigno à aprendizagem", avalia o diretor Ledra.



Colégio Militar adota medidas de incentivo aos alunos que apresentam disciplina e resultados.

Respeito é via de mão dupla em colégios com alto desempenho

Em escola tradicional é assim: os alunos devem usar o uniforme completo, entrar em forma antes da aula, bater continência para o professor fardado, e se levantar a cada troca de professor. No Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires, a indisciplina é sujeita a um regulamento baseado em pontos, que acumulados vão alcançando punições que podem chegar ao "convite para se retirar da escola".

A escola não tem nenhum registro de violência contra professores e é a primeira colocada entre os colégios públicos estaduais em provas como Enem e vestibulares. O Colégio Militar atende alunos da quinta série até o terceiro ano do ensino médio, com um total de 488 matriculados em 2009, segundo o censo escolar. Ele dispõe 10% de suas vagas para civis, os outros 90 ficam com filhos de militares. No último sorteio de três vagas para 5ª série, 330 alunos se inscreveram.

As regras do colégio são justificadas. O uniforme, por exemplo, é exigido não só pela identificação, mas também por ser um meio de igualar os estudantes. Funcionários e alunos se dirigem entre si pelos títulos de "senhor" e "senhora". "Se eu o chamo de senhor, eu transfiro a responsabilidade para ele de me tratar da mesma maneira", explica o comandante do ensino fundamental, Major Neves.

Cada série tem um sargento-monitor, que é responsável pela mediação dos assuntos entre professores, alunos e pais, dando inclusive atendimentos individualizados. "As famílias começam a conhecer e se preocupar com o filho ao ver coisas que ele fazia, mas os pais não sabiam por falta de atenção. Não existe educação sem o apoio da família", conclui o Major.

Aos alunos novos com dificuldades são oferecidas aulas de nivelamento. "Recebemos alunos que vêm de séries iniciais de outras escolas públicas e mal sabem escrever", explica a secretária do colégio Major Aparecida. Estudantes com mais facilidade se tornam alunos-monitores e ajudam os outros a entenderem a matéria.

Disciplina civil Não precisa estar fardado para exigir disciplina. Em outro colégio da capital, a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, também não há registro de agressões contra o professor e tal disciplina é atribuída às normas que são claras e baseadas no respeito mútuo, como garante o diretor Pedro Cabral Filho.

A escola, que teve 480 alunos matriculados em 2009 no ensino fundamental, se afirma participativa e, segundo o diretor, as instâncias deliberativas funcionam de fato. Existe incentivo para os alunos denunciarem agressão dos professores, há também o conselho de classe que ouve críticas e aplica avaliações dos métodos e do ensino, evitando reclamações diretas.

Na escola, a maioria dos alunos pertence à classe média e o corpo docente é composto por grande número de professores efetivos. Nenhum professor deve ser desautorizado na frente de um aluno, sendo

Damos a palavra para que eles confiem em nós sem que a proximidade vire falta de respeito

orientado a chamar o diretor. "Ser excluído de sala é tudo que o aluno quer. Eles não se importam com anotação ou advertência, eles querem é dar uma volta", explica Cabral, que acrescenta: "Nós queremos o bem deles e damos a nossa palavra para que confiem em nós. Mas sem que essa proximidade vire intimidade e falta de respeito". O resultado se vê nas paredes limpas, crianças uniformizadas e materiais em bom estado. "Aqui pichou, pintou, quebrou, pagou. Eles têm que dar valor ao que lhes é oferecido".

Disciplinar as crianças passa também por disciplinar os pais. O diretor conta que muitos deles "jogam" os filhos na escola "achando que é reformatório". "Nós pedimos que os pais, ao invés de tomar partido do filho por culpa pela omissão, venham até a escola trazer seus filhos, fiquem aqui na frente, cheguem cedo para buscar. Isso ajuda a evitar inclusive que possíveis vendedores de drogas se aproximem dos alunos na saída ou entrada do colégio", defende Cabral. (MLG)

dra. Ele questiona a visão de que a maioria dos casos esteja em escolas públicas, já que "há um esforço das escolas particulares em abafar os casos".

O Coordenador de Ensino do Instituto Estadual de Educação (IEE), Vendelin Borgeuzon lembra que "a correria dos pais relega a educação a segundo plano; uma vez perdendo as referências familiares, as crianças buscam outros meios para se educar, como TV e internet. Na escola, então, têm mais liberdade, não têm limites".

Ledra justifica o estresse dos professores com as más condições das escolas, o baixo salário e o despreparo. Outros aspectos, apontados pela pesquisa, são a desestruturação das famílias que faz recair sobre os professores a função de educar os alunos, a falta de mecanismos adequados de solução de conflitos das escolas, o isolamento institucional dos professores e a assimetria jurídica entre professores e alunos, em que há um forte aparato de proteção a um lado, sem um contrapeso do outro.

Os alunos têm intimidado os professores, sabendo de seu maior aparato legal. É por isso que o Senador Paulo Paim propôs uma lei, que está em tramitação, propondo medidas que garantam segurança no trabalho docente (ver matéria ao lado). Segundo a autora da pesquisa, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe muitas conquistas, mas sua errônea interpretação tem criado uma avalanche de impunidade.

Uma orientadora de um colégio público de Florianópolis, que não quis ser identificada, diz sofrer agressões diariamente, tanto físicas como psíquicas. "Mas nem tudo vai para a mídia. Nós ficamos quietos para continuar trabalhando. Os professores estão ficando doentes, a chama da motivação está se apagando".

Uma pesquisa da Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul revela que o desrespeito por parte dos alunos foi a segunda principal razão para não se seguir a carreira

de professor. E o Centro dos Professores, também do RS, mostra que 40% dos casos de licença-saúde dos professores estaduais são por problemas psicológicos.

As atitudes dos alunos desgastam emocionalmente o educador, mas a pedagoga Sandra Petry explica que às vezes a arrogância, apatia ou desobediência podem sinalizar problemas. "O aluno com dificuldade foge dos afazeres, prefere a bronca a acreditar que pode. É preciso entender que preguiça não é causa, é sintoma. Um dos mecanismos de defesa é a indisciplina".

"Nas salas de aula da rede pública os professores só contam com quadro, giz e carteira", indica Ledra, como fator de desestímulo. Ele diz que a valorização da profissão não se dá apenas pelo salário, mas pelo investimento em material, na formação e na diminuição da sobrecarga de aulas e alunos em sala de aula. "Chegam a ser de 300 a 700 alunos por semana. Se fossem menos, o professor poderia ter uma relação mais próxima com os alu-

nos", completa.

Já o psicólogo Gilmar de Oliveira aponta a falha que são os métodos adotados para minimizar as taxas de reprovação. "Passamos os anos superprotegendo as crianças e adolescentes e esquecemos de cobrar o cumprimento de seus deveres. Esta prática de impunidade e superproteção aos infratores das regras sociais tem início na escola. No afã de diminuir os índices de reprovação institui-se a prova de recuperação, exige-se a aplicação de atividades extras e 'trabalhinhos' para melhorar a nota dos estudantes. Este inocente trabalho lhes ensina que não precisam seguir as normas, pois terão uma segunda chance. A institucionalização da impunidade é uma alternativa do Estado que não quer 'gastar muito dinheiro com defunto ruim'. Aproveitem-se todos e mande-se adiante. Estamos somente adiando o problema", defende.

O Art. 54 do ECA estabelece que o não oferecimento do ensino obrigatório

Casos de violência contra professores na Grande Florianópolis

Fev/2008	Mai/2009	Ago/2009	Out/2009	Fev/2010
<p>Escola Estadual Celso Ramos Bairro: Centro - Florianópolis Agressor: mãe de aluna Agredido: diretora do colégio Motivo: a mãe exigia que a diretora aprovasse a filha que havia reprovado</p>	<p>Escola Estadual Daysi Werner Salles Bairro: Capoeiras - Florianópolis Agressor: aluno Agredido: professora Motivo: professora havia denunciado aluno que teria abusado sexualmente de estudantes na sala de aula</p>	<p>Instituto Estadual de Educação Bairro: Centro - Florianópolis Agressor: mãe de aluna Agredido: professora Motivo: mãe acreditava que a professora havia agredido a filha</p>	<p>Instituto Estadual de Educação Bairro: Centro - Florianópolis Agressor: aluno Agredido: professora Motivo: professora teria pedido para que ele lhe entregasse o celular e fosse à coordenação</p>	<p>Escola Estadual Cristo Rei Bairro: Real Park - São José Agressor: mãe de aluna Agredido: professora Motivo: mãe alegava que a professora estaria escondendo sua filha</p>



Na Ceasa - Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina - há o pavilhão do produtor, onde os agricultores podem vender seus produtos agrícolas pagando uma quantia relativa à quantidade de alimentos que levam naquele dia

Modelo distinto de agricultura em SC

Pequenas propriedades e microclimas diferenciados garantem a variedade na produção de alimentos do estado

Arroz e feijão, bife, salada e batata-frita. De onde vêm esses e outros alimentos que comemos todos os dias? Do agricultor até o consumidor final, o produto agrícola passa por várias etapas. De forma resumida, o caminho da verdura, legume, hortaliça, fruta, cereal ou grão começa com o plantio, em seguida vem a colheita, depois o armazenamento (no caso de algumas culturas), o transporte, a comercialização para um intermediário, também conhecido como atravessador, o qual vende para um estabelecimento, como mercado ou restaurante, que por sua

vez, vende para o cliente final.

Esse caminho não é fixo, pois pode ser mais longo ou mais curto, o que interfere no rendimento do produtor e no preço do produto. Por exemplo, o custo para o consumidor comum pode ser menor quando o agricultor vende direto para o comércio ou maior quando o produto passa por vários intermediários.

Muitos alimentos consumidos em Santa Catarina são produzidos no próprio estado. A agricultura catarinense possui características específicas, que a diferenciam da praticada no resto

do país. A falta de amplas áreas para o plantio e a existência de microclimas distintos contribuem para a grande diversidade de produtos agrícolas cultivados aqui.

Santa Catarina representa 1,12% do território nacional e, segundo estimativa do IBGE para 2009, possui uma população de 6.118.743 pessoas. A economia é diversificada, com atividades no ramo da indústria, agricultura, pecuária, pesca e turismo. O estado está entre os seis principais produtores de alimentos do Brasil e estima-se que cerca de 20% da população viva no meio rural. Uma das particularidades da agricultura catarinense é a existência de pequenas propriedades familiares. De acordo com o Censo Agropecuário 2006, 88% dos estabelecimentos agropecuários de Santa Catarina possuem menos de 50 hectares.

Apesar da pouca área, o estado é o primeiro produtor nacional de cebola, maçã, suínos e ostras, além de ser o terceiro maior produtor brasileiro de arroz e banana. Em cada região busca-se a cultura que, a partir dos recursos disponíveis, tanto naturais quanto financeiros e sociais, favoreça a geração de renda. Isso é característico da agricultura familiar, que, em Santa Catarina, é responsável pela produção da maior parte dos alimentos.

Para que esse tipo de agricultura continue expressiva no estado, o produtor deve se sentir estimulado a ficar no campo, além de agregar valor ao que cultiva. De acordo com Ilmar Borhardt, analista de mercado do Cepa - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola de Santa Catarina - agregar valor "significa adensar a produção e a atividade econômica naquela área. Aproveitar uma pequena área com uma atividade que gere renda e empregos. Trabalhar com fatores que, devido à limitação dos recursos,

possam gerar renda suficiente, que o sustente". E exemplifica: "Isso é visível na Grande Florianópolis, na região de Antônio Carlos, de Biguaçu, onde hortaliças são o produto da região. Com pequenas áreas eles mantêm uma propriedade e geram renda".

Papel da Ceasa

Há 24 anos, Damião Wilmar Hawerth sai de São Bonifácio, na Grande Florianópolis, para ir até a Ceasa vender seus produtos. Ele cultiva pêssego, ameixa, caqui, couve e brócolis. Em sua propriedade trabalham com ele, o irmão, o sobrinho e o filho. O que Damião não consegue vender durante a madrugada, deixa o preço bem barato no início da manhã, para não voltar com produto para casa.

A Ceasa - Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina possui um papel importante na distribuição dos produtos agrícolas. Localizada no Bairro Barreiros, em São José, foi fundada em 1976. É aberta de segunda a sábado e inicia suas atividades às 4 da manhã. Há dois grupos que comercializam na Ceasa: os produtores, que vendem em uma área livre, e os atacadistas, nos boxes. Na área do produtor só é permitida a venda de produtos do estado. Já nos boxes, pode-se vender frutas e legumes vindos de todo o Brasil e até do exterior.

O produtor catarinense beneficia-se da Ceasa por meio da divulgação diária de preços. O que vai até lá não tem a obrigação de ir todos os dias, mas só

quando tem produtos. Quando vai, paga o que é chamado comumente de "pedra", uma taxa relativa à quantidade de mercadoria que traz. Já os atacadistas devem abrir os boxes todos os dias e pagam um aluguel mensal. O box é adquirido por meio de licitação e a permanência é por tempo indeterminado.

Os principais consumidores da Ceasa são supermercados, feirantes, quitandeiros, hotéis, hospitais, restaurantes e cozinhas industriais. Os preços são determinados pela lei da oferta e procura.

Desperdício

O desperdício de alimentos no Brasil é de aproximadamente 14 milhões de toneladas anuais de frutas, hortaliças, grãos e outros.

No verão, as perdas são maiores que no inverno. Na Ceasa de São José, inicialmente, não havia uma organização para diminuir o desperdício. As pessoas que precisavam entravam na unidade a partir de um horário determinado, e catavam os produtos que sobravam. Muitos ainda em estado de consumo, mas que já não estariam bons para venda no dia seguinte.

Hoje, existe a Fundação Nutrir, que arrecada os alimentos não vendidos para doar às famílias e instituições carentes. Tudo que não tenha mais valor comercial, mas que ainda possa ser aproveitado é recolhido e doado. A partir das nove horas, voluntários atendem essas pessoas, que usufruem de produtos agrícolas em bom estado.

Francisco Dantas e Yasmine H Fiorini



Caminhões chegam cedo para que os produtos estejam nos mercados ainda pela manhã

DE ONDE VÊM OS ALIMENTOS



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2008)
 Arte: Joice Balboa

Políticas públicas ajudam a manter o agricultor no campo

O êxodo rural ocorre em Santa Catarina desde a década de 1960, mas teve seu ápice nos anos 1990, quando famílias inteiras migraram do campo para as cidades, principalmente as situadas na faixa litorânea. Hoje, ele está em um ritmo menor e possui outras características. Quem deixa o meio rural agora são, em sua maioria, os jovens e as mulheres.

Em 1960, dois terços da população catarinense vivia no campo. Em 1991, menos de um terço e hoje há aproximadamente 20% da população catarinense no meio rural. A migração acontece normalmente por etapas: do campo para uma pequena cidade, da pequena cidade para um centro regional, e talvez dali para alguma grande cidade ou para a capital. A diferença de qualidade entre os serviços públicos nas cidades maiores e no interior é um dos motivos que levam as pessoas a migrarem. De acordo com Borchardt, essa situação poderia ser mudada, "pois não possuímos distâncias muito grandes das localidades rurais e das cidades. Muitas vezes isso

poderia ser diminuído com uma boa logística de transportes para os agricultores".

O campo está envelhecendo e masculinizando-se. Estima-se que, em Santa Catarina, a cada dois anos a média de idade dos agricultores aumenta em um ano. Um dos fatores que estimulam a saída do jovem, principalmente mulher, do meio rural é a visão de que na cidade há mais oportunidades que valham a pena investir, além da renda que, no campo, fica com os pais, desmotivando o jovem.

Essa é a tendência, mas ela está mudando. De acordo com Adriano Gelsleuchter, Coordenador da Juventude Rural da Fetaesc – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina, "atualmente há um expressivo contingente de jovens que estão retornando para o meio rural, pois observam que há oportunidades de geração de renda nessa área. Os jovens que retornam ao campo, vêm com uma visão bem mais ampla e costumam inovar nas propriedades e investir em nichos de

mercado de produtos com maior densidade econômica, como por exemplo, os alimentos orgânicos".

Para Luiz Marcelino Vieira, economista e analista de mercado do Cepa – Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola, os jovens retornam, mas não querem trabalhar como seus pais: "Há casos de filhos de agricultores que saem para estudar e depois retornam, mais qualificados, e passam a trabalhar na propriedade de uma forma mais organizada, tornando-se uma espécie de empreendedor. Por ter a terra, a qualificação e um entendimento maior, ele passa a explorar a terra de um jeito diferente".

Políticas públicas

Políticas do governo que favoreçam o produtor são essenciais para manter o homem no campo. No Brasil, há o Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e seu Mais Alimentos, linha de financiamento que destina recursos para que o agricultor possa investir na infraestrutura em sua propriedade, além de out-

ros programas. No âmbito estadual, há o Projeto Microbacias – Projeto de Recuperação Ambiental e de Apoio ao Pequeno Produtor Rural, que está na terceira edição. Na primeira, a ênfase foi a questão ambiental, na segunda, o objetivo foi a organização dos produtores e, na atual, as propostas foram ampliadas e abrangem várias esferas da agricultura catarinense. As ações buscam fazer com que os agricultores se agreguem e obtenham mais renda com seus produtos, através de associações. Junto delas, são os próprios produtores que decidem o que fazer com o crédito destinado pelo governo, o que dá mais autonomia e ajuda na continuação das atividades do projeto mesmo depois de terminado.

O tempo de cada um desses projetos foi de seis anos, e foram atendidos prioritariamente os agricultores familiares com renda de até dois salários mínimos por mês, empregados rurais e populações indígenas. Existem em Santa Catarina cerca de 1.600 microbacias, que, a princípio, são áreas definidas em torno de um curso de

água, mas não necessariamente, pois podem também ser definidas em um contexto cultural. Como cada uma delas decide o destino dos recursos, as ações são diferenciadas. Algumas comunidades melhoraram as estradas, outras compraram equipamentos para uso comunitário, e há ainda outras que investiram em grupos de costura para mulheres agricultoras. Houve também as que optassem pela melhoria da habitação rural e do saneamento.

O Santa Catarina Rural – Microbacias 3 vai trabalhar na elaboração de projetos que contemplem a melhoria dos sistemas produtivos, a inspeção sanitária, a assistência técnica especializada e a rede de produção e comercialização dos produtos agrícolas. O programa tem parceria da Epagri e Cidasc e possui um investimento de 180 milhões de dólares, divididos entre o Banco Central e o Governo do Estado. Foi apresentado em agosto do ano passado e, assim como os anteriores, terá duração de seis anos. (F. D. e Y. H.F)

Em expansão, construção civil sofre com falta de mão-de-obra no estado

Sindicato das construtoras da Grande Florianópolis cria programas para equilibrar oferta de trabalhadores

Após uma diminuição no crescimento em função da crise em 2009, a construção civil no Brasil volta a gerar grandes expectativas. Em 2010 a previsão é que o setor cresça 8,8% e, em alguns estados, já começam a faltar trabalhadores. Uma pesquisa do Instituto Manpower indicou que a construção civil será o setor que mais vai empregar no primeiro trimestre de 2010. O presidente do Sindicato das Indústrias de Construção Civil da Grande Florianópolis – SindusCon, Hélio Bairros, afirmou que não há trabalhadores suficientes na cidade para atender o mercado que está em expansão.

Em janeiro, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), foram criados 54.330 postos de trabalho na construção civil, o melhor resultado dos últimos dez anos da série histórica do Caged. Em fevereiro foram criados 34.700 postos, e o setor foi o terceiro que mais criou vagas, ficando atrás do de serviços e da indústria. Francisco Steinbach explicou que, por enquanto, as prestadoras de serviços de Florianópolis ainda estão em dia com os cronogramas. Mas que a empreiteira da qual ele é proprietário, a JPF, já está recusando projetos em função da falta de trabalhadores. A empresa tem contratado pessoas, mas de forma muito lenta. O proprietário esclareceu que na construção civil há uma rotatividade muita alta de trabalhadores e que se não houver contratações a equipe vai se reduzindo. De acordo com Steinbach, é muito comum pessoas que vêm do Nordeste para trabalhar em Florianópolis. Como elas deixam suas famílias nos estados de origem, depois de um tempo voltam para casa.

Segundo o presidente do SindusCon, há 20 anos não havia um "horizonte para a construção civil" e, por isso, não houve uma política pública ou privada a fim de preparar esse setor para o futuro no que diz respeito à capacitação da mão de obra. Outra justificativa apontada por Hélio Bairros para a falta de trabalhadores é a introdução no mercado de novas profissões e funções, o que ocasionou um desinteresse

do jovem pela construção civil. O proprietário da empreiteira JPF, Steinbach, aponta uma contradição no fato de Florianópolis "ser uma cidade com desemprego nas periferias, mas com falta de mão de obra na construção civil".

Com o objetivo de incentivar os jovens a trabalharem na construção civil e de diminuir o problema da falta de mão de obra qualificada, o SindusCon pretende construir centros de formação profissional, nos quais os jovens poderão se aperfeiçoar e ainda ganharão para isso. Há uma parceria com o Senai e a Fiesc para o surgimento dos centros, que estão em fase de orçamentos e podem chegar a ser construídos em 2010.

O piso salarial da construção civil é um dos atrativos da profissão, já que é o segundo maior do estado, só perdendo para o setor público. O piso de um servente é de R\$ 557, enquanto o de guincheiro, técnico em edificações e profissionais é de R\$ 851. Tanto o presidente da SindusCon, Hélio Bairros, como Francisco Steinbach, afirmaram que o mercado está pagando mais que o piso. Francisco Steinbach disse que pedreiros de alvenaria e reboco ganham de R\$ 2 mil a R\$ 4 mil, e que os tarefeiros, como os azulejistas, chegam a ganhar R\$ 5 mil. De acordo com Hélio Bairros, o mercado em Santa Catarina tem capacidade para empregar de 10 a 15 mil pessoas, e que precisariam ser treinadas, aproximadamente, 400 pessoas na Grande Florianópolis.

O presidente do SindusCon afirmou que o número de postos de trabalho que serão criados em 2010 na construção civil é uma incógnita. O motivo é o plano diretor da cidade. "Quando há uma mudança na legislação urbana, que cria uma incerteza, sempre há uma diminuição no ritmo dos negócios". Bairros disse que o SindusCon está aguardando os pareceres dos técnicos para entender o conteúdo do plano diretor e a partir daí sinalizar para o mercado o que irá acontecer. O Plano Diretor tem o objetivo de orientar os setores público e privado na construção das áreas urbanas e rurais, com a finalidade de melhorar as condições de ci-



Em fevereiro foram abertos mais de 34 mil postos de trabalho no Brasil e o setor deve crescer 8,8% em 2010

dade. Santa Catarina é o segundo estado que mais produz materiais da construção civil e o sétimo que mais emprega com carteira assinada.

Crescimento

A construção civil possui um papel muito importante no desenvolvimento econômico do Brasil e representa uma grande parcela do PIB. "É um setor propulsor de desenvolvimento, porque absorve muita mão de obra e gera muito emprego", disse o vice-presidente do Crea-SC, Laércio Domingos Tabalipa.

A oferta de crédito para produção e aquisição de imóveis, a estabilidade dos juros, o controle da inflação e o programa "Minha Casa, Minha Vida" foram fatores que, não só evitaram que a construção civil no Brasil entrasse em colapso, como também contribuíram para que o setor não sofresse tanto as consequências da crise econômica. Em 2008, a construção civil se destacou em todo o país, alcançando 8,2% do PIB. Com a crise, em 2009, a situação não foi tão

favorável como no ano anterior. Dados do IBGE apontam que houve queda de 6,3% para o setor. Apesar da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBIC) discordar da metodologia adotada pelo IBGE, ela admite que houve desaceleração em relação aos anos anteriores em função da crise econômica. A CBIC argumenta que quando a crise econômica chegou ao comércio as construtoras tinham estoques elevados, já que o setor estava crescendo. Apesar das indústrias terem segurança de fabricação de insumos, o mercado da construção civil continuou aquecido.

Governos federais e estaduais são agentes que contribuem para o crescimento do setor, já que sempre existe demanda por moradia e infraestrutura. Em função das várias linhas de financiamento para veículos, por exemplo, as vendas têm aumentado e a construção de estradas para atender o crescimento de carros é urgente, explica Laércio Domingos. Hoje, segundo o engenheiro, não há condição de atender toda a de-

manda que existe nas cidades porque uma "política de infraestrutura não era prioridade". Para melhorar a situação do Brasil nesse aspecto, o vice-presidente do Crea sugere uma maior qualificação da mão de obra, políticas públicas que privilegiem o coletivo e mais financiamento para as pessoas construírem suas casas.

O fato de o Brasil ser carente nessa área, como elucidou Laércio Domingos, contribui para a deficiência de mão de obra qualificada para a construção de estradas, portos, aeroportos, ferrovias. "O setor está estagnado, há muito tempo o crescimento é pífito". Há necessidade de reforma ou de nova obra, por exemplo, de quase todos os aeroportos do país. Segundo o vice-presidente do Crea, atualmente, a grande obra rodoviária no país é a BR 101 Sul, "que está se arrastando há cinco anos e levará mais cinco para ser finalizada", já que há locais que ainda não há projeto ou licitação.

Rayani Mariano dos Santos

Brasil

País tem déficit habitacional de 5,8 milhões

O déficit habitacional urbano no Brasil é de 5,8 milhões de pessoas, de acordo com o 4º Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, que foi publicado em março de 2010, mas com base em dados de 2008. Em 2007 era de 6,27 milhões, o que significa que houve diferença de 476 mil casas em um ano. O governo federal tem realizado investimentos em projetos que contribuem para o crescimento da construção civil. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), por exemplo, tinha como um dos pilares a redução de tributos para incentivar mais investimentos no país. Estava prevista a diminuição de impostos para setores diretamente relacionados à construção civil, como de insumos e serviços usados em obras de infraestrutura, e de perfis de aço.

Outro programa que impulsionou o setor foi "Minha Casa, Minha Vida". Lançado no início de 2009, o programa tem como foco o financiamento de casas para famílias que ganham até 10 salários mínimos. A primeira etapa previa R\$ 34 bilhões em empréstimos e subsídios para a construção de 1 milhão de residências. Conforme dados da CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção), até dezembro de 2010 o programa deve entregar cerca de 300 mil casas. Ambos os programas terão uma segunda etapa.

Laércio Domingos ainda comentou que por mais que o programa do governo federal seja bom, as pessoas estão tendo muita dificuldade para conseguir o financiamento. O engenheiro civil ressaltou que a "burocracia é imensa" e tira a oportunidade das pessoas que necessitam conseguir sua casa própria. Para o vice-presidente, "as pessoas que conseguem o financiamento pelo programa, eventualmente, são pessoas que poderiam fazer de outra forma". (R.M.S)

Os rostos que os números escondem

Atrás da frieza das estatísticas, histórias de quatro brasileiros em busca de recolocação no mercado de trabalho

Quarta-feira, duas da tarde. Cerca de 30 pessoas esperam a chamada de suas senhas no posto de atendimento do Sistema Nacional de Emprego (Sine-SC), Centro de Florianópolis. São jovens, adultos, pessoas mais velhas, brancos, negros e pardos. As feições são cansadas e ansiosas. As mãos seguram papéis, pastas, mochilas e, vez ou outra, apertam-se nervosamente. Esses desempregados esperam o letreiro eletrônico piscar o seu número para uma oportunidade no mercado de trabalho. No Brasil, de acordo com o IBGE, em janeiro de 2010, a taxa de desemprego chegou a 7,2% e a população desocupada totalizou 1,7 milhão, 95 mil pessoas a mais do que no mês anterior. Se todos entrassem na fila, a espera seria muito mais longa.

O objetivo do Sine é facilitar o acesso e a permanência no mercado de trabalho. Em Santa Catarina, ele está vinculado à Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho e Habitação. O sistema oferece gratuitamente serviços como intermediação de mão-de-obra, seguro desemprego, qualificação social e profissional, e informação e análise sobre o mercado de trabalho. No informativo publicado em novembro de 2009, o Sine mostra que, naquele mês, o emprego formal no estado teve crescimento de 1,1%. Isto significa a abertura de 39.076 vagas. Quem espera no Sine busca algumas dessas vagas. É gente das mais diversas origens e formações acadêmicas, características que as fazem aptas ou não a ocupar uma delas.

Migrante

Mônica Araújo Pereira, 25 anos, olhava atentamente para a televisão enquanto esperava os números mudarem rapidamente até que o seu chegasse. Moradora da Costeira do Parajubá, está sem trabalho fixo desde que saiu de



Fotos: Larissa Cabral

Trezentas e cinquenta pessoas, aproximadamente, são atendidas todos os dias no posto do Sine na Avenida Mauro Ramos, centro da Capital

uma livraria, em setembro do ano passado. Mônica conta que já participou de três entrevistas para vendedora, auxiliar de depósito e operadora de caixa. “Mas não posso ficar sentada esperando que me liguem, como eles dizem que vão fazer nas entrevistas”.

A jovem veio de São Luiz do Maranhão há sete anos e hoje mora com a filha de cinco. Para ela, uma das maiores dificuldades é conciliar as funções de mãe e de trabalhadora. “Sempre deixo minha filhinha na creche, mas o funcionamento é das sete da manhã às sete da noite. É difícil achar um emprego que dê para deixá-la e pegá-la a tempo”, lamenta. Além da incompatibilidade de horários, Mônica afirma que os salários estão muito baixos e os benefícios, quando existem, são poucos. “Além de mim, eu tenho uma filha para sustentar e preciso procurar algo melhor”, ressalta.

Mônica estudou da 5ª a 8ª série em escola pública. Durante o ensino médio, começou a trabalhar na empresa da família, uma escola da Fundação Bradesco. Por enquanto, Mônica procura uma vaga no setor de comércio. Segundo relatório do SINE, esse setor foi o que mais cresceu em novembro, abrindo 6.752 mil vagas, 1.696 delas na Grande Florianópolis. Mônica procura oportunidade como vendedora, mas quer mesmo é cursar Arquitetura e Urbanismo na UFSC. Ela até tentou vestibular em 2008. Concorreu às vagas destinadas a estudantes negros, mas não passou.

Seguro-desemprego

Já o morador do Monte Verde, André Aparecido Santos, 24 anos, é um desempregado mais recente. O jovem estava no SINE para pedir o seguro-desemprego. Diferente da maioria na sala

de espera, ele não pretende procurar trabalho tão cedo. “Eu fui demitido de uma empresa de transporte público da cidade há pouco mais de 15 dias. Agora, vou tirar férias e aproveitar o seguro. Quando faltar poucos meses para o fim do seguro, começo a procurar alguma coisa”, confessa.

André mora com a mãe e a irmã, completou o ensino médio em escola pública, e trabalha desde os 16. Foi auxiliar de produção gráfica por dois anos e não pensa em fazer nenhum curso antes de procurar emprego de novo. O setor de serviços também tem aumentado e em novembro, representou 1.730 mil novos empregos na Grande Florianópolis e 4.673 mil no estado, dados do relatório de 2009 do Sine.

Jovem Aprendiz

Outro rapaz que começou a trabalhar cedo como André foi Leonardo Pereira da Silva. Tem 20 anos de idade e cursa o 1º ano do ensino médio em uma escola pública. Leonardo conta que seu primeiro emprego foi aos 14 anos. “Trabalhei por um ano e cinco meses em um supermercado de Florianópolis, emprego que consegui através do programa Jovem Aprendiz”, conta o rapaz. O Jovem Aprendiz é um programa do Ministério do Trabalho que estabelece que empresas de médio e grande porte são obrigadas a contratar adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos para melhorar a formação técnico-profissional e facilitar a inserção no mercado de trabalho. O garoto saiu contente do posto de atendimento do

Sine com os dados de uma padaria no Córrego Grande. Uma entrevista de emprego estava agendada para ele lá.

Subemprego

Dona Saletê Cândido, 56 anos, não pôde estudar tanto quanto Leonardo. Mora no bairro Agrônômica com sua filha de 16 e não chegou a completar a 4ª série do ensino fundamental. “Na época, eu e minha família morávamos em Caçador, não tínhamos condição financeira boa e a escola ficava muito longe de casa. Tive que começar a trabalhar cedo para ajudar meus pais. Senti um pouco de vergonha e medo de

dizer que tive que parar de estudar, mas gostaria de ter continuado”, lamenta.

Ela está há mais de um ano sem trabalho fixo. “Estou sempre nesse pinga-pinga”. A função que mais exerce é a de diarista, ofício que considera mal remunerado e de relação patrão/empregado difícil por ter pouco diálogo. “Não quero que minha filha passe pelo que estou passando. Por isso, tento dar a ela um pouco mais de estudo para que ela busque algo melhor”. Como faxineira, Saletê chega a trabalhar mais de 10 horas por dia para conseguir ganhar R\$ 400 por mês. Sua filha já procurou emprego para ajudar na renda da família, mas as duas chegaram a um acordo: “É preferível passarmos um aperto agora com ela só estudando, para que depois ela possa ganhar mais em outro tipo de

ofício”.

As melhores cidades

A taxa de emprego com carteira assinada em Santa Catarina cresceu 4,85% nos primeiros nove meses de 2009. Na prática isso significa a geração de mais de 75 mil novas vagas. Florianópolis ficou em segundo lugar no ranking da criação de empregos, em seguida está Joinville. Blumenau ficou em primeiro lugar.

Mônica, André, Leonardo e Saletê alguns dos atuais candidatos a essas vagas e continuam esperando a chamada das suas senhas.

Larissa Cabral

Mercado de trabalho

Ofertas de vagas seguem sazonalidade

Segundo o relatório de janeiro do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), com base em dados enviados pelo Sine, o número total de empregos celetistas gerados no mês foi 19.219 mil em Santa Catarina. Com exceção do comércio e da extrativa mineral, todos os demais setores expandiram o número de assalariados. Indústria de transformação, agropecuária e serviços foram os setores que mais contribuíram para esse resultado.

Apesar destes dados positivos, no ensino foram contabilizados 112 empregos a menos. Também houve retração no comércio, setor que totaliza menos 417 trabalhadores. As demissões ocorreram principalmente no ramo varejista que começa a fechar as vagas temporárias do final de 2009. Entre os 36 municípios do estado, os que mais geraram empregos formais foram Fraiburgo, Blumenau e São José.

Há em Santa Catarina cem postos de atendimento do Sine. Trabalhadores em busca de uma vaga de emprego fornecem seus dados, empregadores solicitam um determinado perfil de trabalhador para a vaga em aberto e um sistema cruza esses dados, realizando uma pré-triagem. Na Grande Florianópolis, há 1.300 vagas rotativas em aberto e o Sine encaminha de seis a dez pessoas para cada vaga. (L.C.)



Ofertas informais de vagas são comuns no Sine



Foto feita a partir do site Chatroulette

Conversas aleatórias com desconhecidos viram mania na Internet

Site *Chatroulette* conecta usuários de qualquer parte do mundo até que um deles aperte o *next* e estabeleça contato com outra pessoa

Entro no site e habilito a webcam. Aparecem duas telas à esquerda. Minha imagem aparece na de baixo e a logo acima está em branco, reservada para meu futuro interlocutor. Quando tudo está devidamente configurado, clico em *new game* e, poucos segundos depois, estou conectada a uma pessoa que eu nunca vi na vida. Se quisermos, podemos conversar. Caso contrário, uma das duas clicará no botão *next* e passará para o usuário seguinte.

É assim que funciona o ChatRoulette (<http://chatroulette.com>), site criado por Andrey Ternovskiy, um programador russo de 17 anos. O nome do novo tipo de chat, que remete à roleta, é bem apropriado, uma vez que a escolha das duplas é completamente aleatória e você nunca sabe o que verá na próxima vez em que clicar no *next*. Ele foi lançado em dezembro e, até o final do ano, contava com cerca de 300 usuários. No mês passado, este número saltou para 10 mil.

O sucesso e o próprio surgimento do ChatRoulette são consequência de um processo que começou com as primeiras salas de bate-papo e tende a se desenvolver cada vez mais: chats e encontros virtuais de todo tipo deixaram de ser um passatempo curioso ou uma atividade exótica, tornando-se parte da nossa cultura e rotina, uma ferramenta normal para lazer ou trabalho. Basta pensar que no fim da década de 1990 as pessoas acessavam salas de bate-papo usando nomes falsos e evitando revelar muito sobre suas vidas, mas hoje não parecem se importar em mostrar o rosto. "Temos cada vez mais ferramentas para mostrar e ver e, de certa forma, isso nos fez perder o pudor em relação a nossa privacidade", comenta Flávia Mendonça, do Núcleo de Cenários Futuros, da PUC do Rio de Janeiro.

Mas o que impressiona no crescimento tão rápido da popularidade do ChatRoulette é que,

em termos de tecnologia, não há nele nada de realmente novo. Se teclar com desconhecidos é mania desde as primeiras salas de bate-papo, se a webcam também não é mais novidade e se já faz alguns anos que o Skype nos permite trocar mensagens de voz em tempo real, de graça, então qual é o grande atrativo? "Curiosidade, acho", diz a usuária Anna Victoria de Oliveira, 18 anos, de Belo Horizonte (MG). "É muito legal ver pessoas aleatórias de qualquer parte do mundo aparecendo na tela do seu computador e pensar que, nesse exato momento, ela está fazendo aquilo que você está vendo. Vocês estão conectados de alguma maneira, nem que seja por apenas alguns minutos." Maurício Gardini, 22 anos, de Caxias do Sul (RS), pensa parecido. "Acho que o que motiva as pessoas a usarem o ChatRoulette é a mesma curiosidade que motiva alguém a assistir um *reality show*. Curiosidade em saber como os outros são, curiosidade em conhecer gente diferente da que você está acostumado a ver".

Para Flávia Mendonça, a palavra-chave é a surpresa, ou melhor, "a surpresa que o aleatório causa na gente. Não se sabe quem vai surgir na sua frente, se é um bando de adolescentes tirando onda, um publicitário em busca de novas ideias, um pervertido, ou uma pessoa que lhe pareça legal o suficiente para manter uma conversa por mais de cinco minutos."

A professora Aglair Bernardo, da Universidade Federal de Santa Catarina, acrescenta ainda que o *next* rompe as fronteiras e os mapas de afetos característicos das demais plataformas, onde o usuário atua em uma rede de relações construída a partir de interesses mais focados e classificados. "O *next* pode ser qualquer um, e nessa errância o usuário pode compartilhar coisas e conhecer outros que não estavam abrigados no mapa de afetos de outras

plataformas como o orkut, Twitter ou Skype".

E ver coisas engraçadas ou curiosas é uma das maiores atrações do ChatRoulette: uma mania que o site originou foi justamente colecionar *screenshots*, uma "foto" da tela, das coisas mais bizarras que você pode encontrar. "Eu só cheguei a conversar de verdade com alguém duas vezes, mas geralmente eu só vou dando *nexte* observando as pessoas. É engraçado porque dá para ver muita coisa bizarra. Eu já vi um cara vestido de ninja", conta Anna Victoria.

Mesmo porque não é todo mundo que mostra a própria imagem na webcam. Há quem não goste e deixe a câmera virada para a parede, para uma foto, para algum objeto aleatório. Maurício é um deles. "O ChatRoulette é uma coisa bem rápida. Se a pessoa não gosta de ti nos primeiros segundos, dá um *next*. Então, para chamar atenção, eu uso um fantoche de guaxinim na frente da minha câmera. Em geral, faz as pessoas pararem nele. Sem contar que ele é muito mais bonito do que eu", brinca. O simpático fantoche de guaxinim tem até nome: Rudolph.

Ainda não há como saber se o ChatRoulette vai manter sua popularidade ou sumir como uma das tantas modas passageiras que a Internet já fez surgir. De qualquer maneira, ele já vem criando sucessores. Aqui no Brasil, há duas versões nacionais, o ChatRolé (<http://www.chatrole.com.br/>) e o Catapapo (<http://www.catapapo.com/>). Quem sabe manter contatos rápidos com pessoas completamente desconhecidas seja mesmo a próxima forma de se divertir na Internet. Ou então, pode ser que daqui a alguns meses demos um *next* no ChatRoulette e passemos para a próxima mania virtual.

Marina Martini Lopes

A idade média dos usuários do site é de 20 anos. Desses, cerca de 70% são homens. A grande maioria das pessoas, 19 entre 20, aperta o botão next menos de cinco segundos depois de ver seu interlocutor na tela do computador.

Chat sounds

No universo da cibercultura, o virtual também é real

Manter blogs e fotologs, marcar presença no Twitter, postar vídeos no YouTube, tudo isto faz parte desse nosso "querer aparecer" no mundo virtual. "O ser humano é naturalmente curioso, especialmente os mais jovens, e nós vivemos numa sociedade de desvelamentos de privacidade, seja ela obrigatória, como quando

colocam câmeras em bancos ou shoppings, seja ela optativa, como quando nós mesmos colocamos câmeras em nossos computadores ou revelamos nossas vidas via Orkut ou Facebook", diz Flávia Mendonça, do Núcleo de Cenários Futuros da PUC do Rio de Janeiro. "Essa curiosidade virou produto de entretenimento, vide os trilhões

de reality shows por aí. Nós sempre fomos muito curiosos, mas hoje as ferramentas para revelar nossos mundos e fazer com que vejamos os dos outros estão muito mais disponíveis e democratizadas."

Seja como for, o ChatRoulette é mais uma ferramenta que temos para manter contatos no mundo virtual. "Acho que é

importante observar que não há diferenças entre o que é real e o virtual. O virtual também é real.

O universo da cibercultura tem se apresentado nas últimas décadas como um ambiente muito rico em termos de investimento na obra social, permitindo o surgimento de encontros sociais que não se

dariam de outros modos", explica Aglair Bernardo. "A rede potencializa a possibilidade de encontrarmos alguém com afinidades conosco.

Não há como negar que a internet aproximou mundos e culturas e os chats virtuais catalisaram esse encontro entre estranhos", completa Flávia Mendonça. (M.L.)

SAY

Mente e corpo num mesmo objetivo

Os diferenciais de um superatleta que permitem qualquer ser humano superar desafios, sobretudo pessoais

“No início é um compromisso, depois vira uma necessidade”. É assim que o médico e atleta, Rolf Hillmann, define sua relação com a corrida. Aos 53 anos, Hillmann pratica o esporte por prazer e superação pessoal há 20 anos. Começou devagar, cumprindo pequenas distâncias, avançando nos desafios. Hoje disputa maratonas e provas cada vez mais longas. A próxima delas será o Revezamento Volta à Ilha, um percurso de 150 quilômetros – com terrenos que vão do asfalto às dunas – que contorna a Ilha de Santa Catarina. Rolf vai competir ao lado da filha, Maria Clara, de 24 anos. Pela primeira vez em família.

Na São Silvestre, a mais famosa corrida de rua do Brasil, realizada anualmente na cidade de São Paulo, acompanhamos pela televisão o desempenho dos atletas ao longo de seus “apenas” 15 quilômetros. Se tomarmos como a melhor das hipóteses o recorde do queniano Paul Tergat de 43 minutos e 12 segundos, já dá pra ter uma idéia de que completar uma maratona não é tão simples assim.

Na prova de Florianópolis, o tempo da dupla recordista, em 2005, foi de dez horas, 30 minutos e 24 segundos. Nessa mesma competição, já houve também

a categoria individual e, na ocasião, os primeiros colocados levaram de 14 a 16 horas para chegar ao final. “Em provas longas assim, o desafio é muito mais psicológico do que físico”, comenta Rolf, que curiosamente revela que não faz nenhum treinamento específico para esse tipo de maratona. Segue apenas com sua corrida diária e sempre participando de outras competições.

O revezamento em família para uma prova tão extensa parece denunciar a genética como o segredo de alguém que é capaz de passar tanto tempo correndo. Ser um superatleta não deve ser pra qualquer um. Mito. O próprio médico defende que qualquer pessoa é capaz de chegar lá. “Eu tenho pacientes que já foram obesos e também dependentes químicos que hoje completam maratonas”, argumenta. O que não quer dizer, porém, que, descartado o pré-requisito da vantagem genética, basta calçar os tênis e sair correndo. Há que ter disciplina, persistência e, não menos importante, tempo para treino.

Treino físico

Sem disponibilidade, não há força de vontade que faça um superatleta. Há que se assumir o compromisso com a



Rolf e a filha, Maria Clara, vencem a prova Multisport Brasil, realizada dia 20, em Florianópolis

preparação, que deve ser voltada a objetivos bem específicos para não perder o foco.

O treinador de atletismo, Éber Malta, ressalta a importância de uma estratégia de treinamento, que varia conforme a data da principal prova. Nesse período, são feitos trabalhos aeróbicos – contínuos e prolongados, como a corrida – e anaeróbicos – breves e de alta intensidade, como a musculação. Segundo Éber, qualquer pessoa pode se tornar um atleta, desde que tenha um

treinamento individualizado e muita força de vontade para aguentar a dura rotina de treinos. “A predisposição genética pode facilitar esse processo e até fazer com que essa pessoa se destaque das demais, mas não é um fator determinante”, pondera o treinador.

O biomecânico especialista em fisiologia, Fernando Diefenthaler, destaca também a atenção com a forma de execução do exercício. O atleta que treina para uma prova longa deve tomar muitos cuidados para não sofrer

lesões durante os treinos e, sobretudo, ao longo da competição. O corpo é como uma máquina. Com tecnologia e, principalmente, informação é possível praticar esportes pesados sem extrapolar. Com acompanhamento constante, Fernando afirma que “o maratonista é mais saudável que o peladeiro de fim de semana”. Portanto, não importa a intensidade do esporte praticado ou a distância a ser percorrida. A preocupação com a longevidade é o que permite ao atleta desempenhar bem sua atividade durante vários anos, como é o caso do Dr. Hillmann.

Preparo psicológico

Corpos trabalhados feito máquinas de correr, tudo pronto. Isso basta? De forma alguma. Para grandes maratonas, mente e corpo devem ser treinados em conjunto. Em um ambiente de competição, existe um clima de tensão. Nessa hora, tão importante quanto o preparo físico é o psicológico. A doutora em psicologia do esporte, Suzy Fleury, considera o fator emocional como determinante para o resultado de uma prova e já desenvolveu trabalhos nesse sentido inclusive junto à Seleção Brasileira de Futebol. Na Academia Emocional, Suzy orienta o condicionamento mental de atletas e executivos visando o desenvolvimento do ser humano, das habilidades psicológicas e o alto rendimento esportivo. “Basicamente, trabalhamos a forma de pensar, que influencia os estados emocionais e que reflete na performance”, comenta Dra Suzy. Assim, Fleury proporciona um treinamento com o objetivo de que, na hora H, a pessoa se sinta relaxada e solta, mas ao mesmo tempo mentalmente concentrada.

Mesmo sem um treino psicológico orientado também é possível alcançar esse equilíbrio e serenidade com experiência. Para isso, cada um tem a sua fórmula. Rolf Hillmann encara cada parte do percurso como uma etapa a ser vencida. “Não adianta começar pensando na linha de chegada que está lá na frente, no fim do dia”, adverte. Fernando Diefenthaler acrescenta o autoconhecimento: “Com o tempo, você aprende a fazer uma leitura do seu próprio corpo e a respeitar seus limites”.

O que se observa, enfim, entre os vários exemplos de superatletas é que, sim, qualquer pessoa pode ser um deles, pois o que acaba por determinar o sucesso não é a primeira colocação. É algo muito mais simples, muito mais subjetivo, como simplesmente terminar a prova. Mas mesmo cobiçando a medalha de ouro, para aqueles que não se contentam apenas em chegar ao final, o princípio é o mesmo. O que faz um superatleta é aquilo que move todo ser humano: saber onde quer chegar.

Máquina humana

As características que fazem do corpo dos atletas um mecanismo eficiente de resistência e alto rendimento



Superatletas têm melhor reflexo antecipatório, que tem a ver com a capacidade de tomar decisões rápidas. Assim, eles estão mais aptos a responder a estímulos com maior rapidez e precisão.



Um coração em bom estado bombeia 80 mililitros de sangue a cada batida, enquanto que maratonistas chegam a 100-120 mililitros. Superatletas têm o órgão maior do que pessoas comuns, com câmaras maiores e mais eficientes na tarefa de bombear o sangue para o corpo. O chamado “coração de atleta” é comumente confundido com doença devido a suas características, tais como bradicardia (baixa frequência), distúrbios de ritmo, ruídos sistólicos e zonas silenciosas.



A capacidade vital (volume de ar que se pode expelir dos pulmões após inspiração profunda máxima) de um homem é de 4,5 litros. De uma mulher, 3,2 litros. Superatletas têm uma capacidade 30 a 40% acima do normal, isto é, de 6 a 7 litros. Além disso, eles têm uma capacidade de oxigenação do sangue em torno de 90 a 95%, o que significa menos desgaste.



No corpo humano existem dois tipos de fibras musculares: o tipo 1, de contração lenta e o tipo 2, de contração rápida. Superatletas possuem 85% de fibras lentas, enquanto que uma pessoa comum tem 70%.

Arte e Texto: Mariana Porto
 Serviços Editoriais:
 Revista Época
 Revista Galileu
 www.saudeemovimento.com.br
 www.totalsport.com.br
 www.medicinageriatrica.com.br
 www.protrainer.com.br
 www.oqueeuferno.uol.com.br

Ser acessível

Manoel Carlos, autor da telenovela *Viver a Vida*, tem uma certa habilidade em pautar os colóquios sociais, as manchetes do jornalismo e, certas vezes, até contracapas. A nova carta foi colocar Alinne Moraes para viver uma garota cadeirante, a quem as necessidades se vão colocando capítulo a capítulo. Some-se um blog, escrito por vias da irmã, que ganhou uma encarnação além-novela, e está feita a receita para inserir na agenda do universo pop a acessibilidade de pessoas com deficiência. O tema não é novo, não é tabu e ninguém precisa ser convencido do valor fundamental que a acessibilidade tem para a cidadania. Mas um reacender de ideias como essa vem sempre em boa hora.

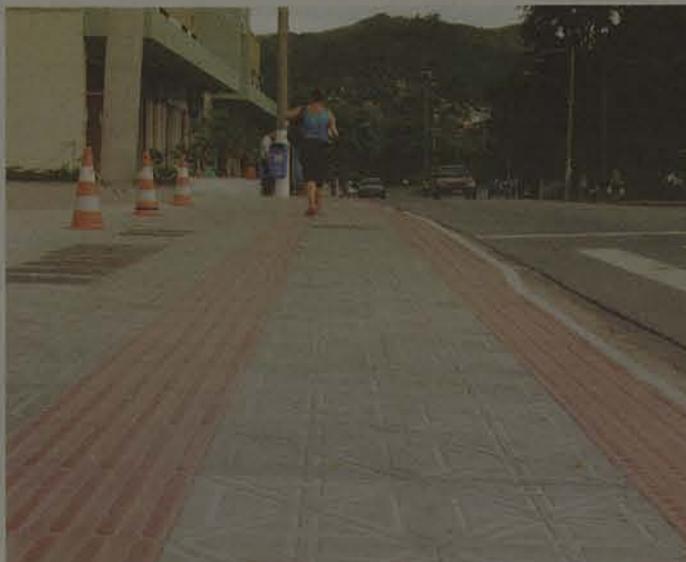
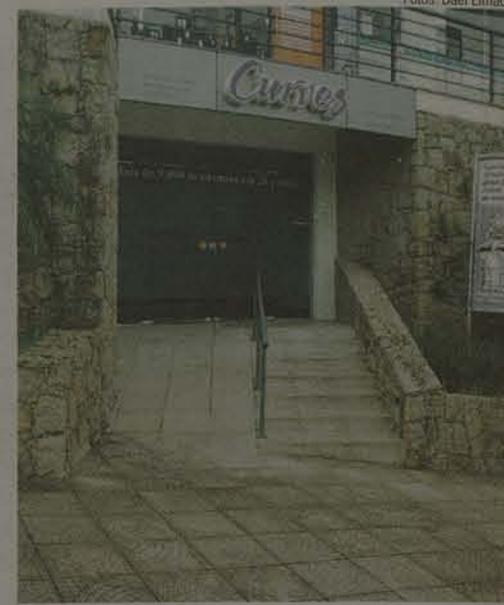
A acessibilidade como um recurso disseminado e a livre locomoção pelos diversos caminhos da pólis ainda são questões distantes na Ilha de Santa Catarina. O relevo acidentado é um agravante natural. E Florianópolis é subida e descida em todo canto. A reduzida largura de algumas ruas, a precariedade das calçadas e a falta de rampas de acesso constituem, por sua parte, um quadro especialmente problemático. De uma frota de 466 ônibus urbanos, 56 apenas são adaptados para cadeirantes. Os 12% com adaptações são uma exigência da Prefeitura, e se distribuem segundo requisições da Associação Florianopolitana de Deficientes Físicos (Aflodef), junto a Secretaria de Transportes. A associação atende a 4 mil pessoas, das quais cerca de 200 usam cadeira de rodas. Não existem dados específicos no Censo de 2000, mas Ana Paula Althaus, assistente social da Aflodef, estima que os 200 atendidos não representam 20% do total na cidade. "A maioria deles não consegue sair de casa". A associação dispõe ainda de um serviço de transporte. Uma besta e duas kombis atendem aos cadeirantes que não têm outros meios de locomoção, cerca de 12 semanalmente.

Um decreto do Governo Federal de 2004 firmou um prazo de 10 anos para que 100% da frota de transporte público tivesse adaptações. Até 2014, o ano da Copa, portanto. Rio de Janeiro e São Paulo, que serão sedes, passaram recentemente por um teste feito pelo *Fantástico*. Em São Paulo, verificou-se a demora que o usuário de cadeira de rodas tem de enfrentar até que chegue um ônibus adaptado. No Rio, o mau funcionamento do equipamento que dá acesso a alguns ônibus. O desencontro entre os horários dos coletivos e a necessidade dos cadeirantes é um grande problema. Josemar Tagliapietra, supervisor da empresa Transol, afirma que, em Florianópolis, alguns veículos adaptados chegam a passar 4 meses sem o uso da funcionalidade. O que, mais do que uma falta de demanda, corresponde à falta de sintonia entre a necessidade e sua solução.

O debate sobre acessibilidade não está concluído, porém é uma daquelas poucas questões que se encontram em fase adiantada junto ao esclarecimento público. Mais do que discutir as bases – que já estão assentadas como essenciais ao exercício da cidadania –, as medidas agora dão conta de melhorar a qualidade de vida dos deficientes físicos. Diversas inovações que os auxiliam em tarefas cotidianas são apresentadas ao público pela personagem Luciana, diariamente.

Ilustram essa página alguns espaços públicos já adaptados – e outros não – que demonstram o quanto simples é tornar a cidade mais acessível. Rampas de acesso ao lado de escadarias, calçadas com guias para deficientes visuais, vagas de estacionamento reservadas. Eles não respondem, como se viu, pela realidade que se confronta numa simples caminhada. Mas servem de exemplo à boa vontade dos homens da política, ao juízo dos comerciantes que, através de adaptações, só fazem aumentar sua clientela, e ao cidadão, que tem o poder de transformar e lutar por espaços compatíveis com as mais diversas necessidades. Acessibilidade é um direito, mas ser acessível é uma premissa para ser humano.

Dael Limaco



ZERO